

O ESTADO
MATO GROSSO DO SUL

SUPLEMENTO ESPECIAL DO ANIVERSÁRIO DE CAMPO GRANDE - 127 ANOS
QUARTA-FEIRA, 26 DE AGOSTO DE 2026

Um olhar sobre a **biodiversidade**
que faz de **Campo Grande a Capital**
das Árvores e revela a **riqueza da**
fauna e flora do Cerrado.

127 anos de Campo Grande



Amanda Ferreira

Quem olha para o céu de Campo Grande não vê apenas um dos mais marcantes pores do sol do Brasil, mas também um dos símbolos mais queridos da cidade: as araras. Para os moradores, a presença das aves, vindas de diferentes regiões do Pantanal e do Cerrado brasileiro, já faz parte da rotina. Para visitantes, o encontro com tantas araras voando pela capital ainda causa surpresa e encantamento.

Em dias difíceis, basta levantar os olhos e encontrar uma delas no céu para transformar o momento em uma lembrança mais leve. Ao longo dos anos, as araras se tornaram parte do patrimônio afetivo, cultural e turístico de Campo Grande, presentes na música, na fotografia e no olhar de quem registra a cidade.

Nos timbres

Essa relação entre a população e as aves também inspirou o professor, músico, fotógrafo e artista Thiago Quevedo, autor do livro "Araras da Cidade. Músicas do Mato". A obra traduz em sons e imagens a convivência entre a Capital e suas araras, criando uma narrativa musical inspirada nos movimentos e hábitos dos animais.

"Cada música tem um arranjo muito específico. Elas são bem visuais. A primeira, por exemplo, traz a ideia de sair para fotografar, de preparar o equipamento, caminhar e observar. Em alguns momentos, o ritmo representa o bater das asas; em outros,

lembra a vocalização das araras ou até o momento em que elas preparam seus ninhos. É uma música sobre o nascimento, sobre uma nova vida surgindo", explica o artista.

Símbolo do turismo

Outra manifestação do vínculo afetivo entre Campo Grande e as araras está no Monumento das Araras, inaugurado em 1996. Com 10 metros de altura e construído em concreto armado, o monumento criado pelo artista plástico Cleir Ávila se tornou um dos principais símbolos da cidade, chamando atenção para a preservação das aves que fazem parte da paisagem sul-mato-grossense.

"Quando criei o monumento, a intenção era justamente mostrar a importância da arara-azul e da preservação da natureza. Fiz uma pesquisa na época e tive o apoio do Instituto Arara Azul. Fico muito feliz em ver que a obra se tornou uma referência para Campo Grande.

A obra, formada por duas araras-azuis e uma arara-vermelha, localizada na Rua Dom Aquino, ultrapassou a função de representação artística e passou a ser um ponto de encontro, referência turística e símbolo de identidade para moradores e visitantes.

"A arara está nos prédios, nos objetos e na memória da população, mas, quando se fala em Campo Grande, muita gente lembra da Praça das Araras. O mais importante é que esse símbolo também lembra a necessidade de conviver com a natureza e preservá-la", detalha.

Identidade

Araras, ALMA DA CAPITAL

Presentes no céu, na música, na arte e na fotografia, as aves se transformaram em símbolos afetivos de Campo Grande e revelam a relação de moradores com a natureza sul-mato-grossense

Pelas câmeras

O fotógrafo André Bittar destaca o papel da fotografia na aproximação entre a população e as araras de Campo Grande. Segundo ele, registrar as aves presentes na cidade ajuda as pessoas a reconhecerem e valorizarem esses animais no cotidiano. Ao longo da carreira, ele já fotografou espécies como a arara-canindé, a arara-vermelha e a arara híbrida.

"Eu vejo a fotografia como uma forma de aproximar as pessoas das araras. Muitas

vezes, a correria do dia a dia faz com que elas passem despercebidas, sem que alguém pare para observar esse animal tão especial. As araras carregam uma memória afetiva muito forte para mim, pela ligação com a minha mãe, que era apaixonada pelas aves da cidade. Minha fotografia busca criar essa conexão, fazer com que as pessoas guardem uma lembrança, coloquem uma imagem em casa e entendam que esse símbolo de Campo Grande precisa ser preservado," finaliza.



As aves, além de embelezar a cidade, servem de modelo para "O Monumento das Araras" na Capital



Roberta Martins

André Bittar

Diretor

Jaime Valler

Editor-Chefe

Rafaela Alves

Gerente Comercial

Nidia Oliveira dos Santos

Edição

Michelly Perez

Suzi Jarde

Sarah Chaves

Marcelo Rezende

Luciano Shakhima

Reportagem

Biel Gill

Maria Gabriela Arcanjo

Enzo Pereira

Ian Netto

Djeneffer Cordoba

Danielly Carvalho

Lucas Artur

Sandra Salvatiere

Ricardo Padro

Amanda Ferreira

Carolina Rampi

Tratamento de imagem

Claudia Maria Mendes

Fotografia

Nilson Figueiredo

Roberta Martins

Diagramação

Wendryk Ferreira

Revisão

Regina Yule

Raízes

VERDE QUE TRANSFORMA

Campo Grande consolida plano municipal de arborização

Capital chega aos 127 anos como referência mundial em áreas verdes e reforçando o controle do microclima local

Lucas Artur e Danielly Carvalho

No auge dos seus 127 anos, a capital faz parte das 283 cidades reconhecidas pelo título de Cidade Árvore mundialmente e 51 nacionalmente. O reconhecimento não é por acaso; as políticas públicas adotadas pelo Executivo florescem em várias iniciativas e frentes, que juntas prosperam pelo meio ambiente.

Uma dessas iniciativas é o Projeto Via Verde, um dos pilares que garantiram o reconhecimento à Capital, que concilia a ampliação das faixas verdes com a melhoria do microclima local. A Prefeitura ainda mantém um fluxo regular

de doação de mudas com o objetivo de incentivar a adesão massiva dos moradores. Assim, cada pessoa contribui de maneira efetiva para a sustentabilidade do município.

Dayane Zanela, gerente de arborização da Semades e representante no CMMA (Conselho Municipal de Meio Ambiente), conta ao jornal *O Estado* que uma das metas é ampliar igualmente a cobertura arbórea. “Atualmente, alguns bairros possuem cobertura inferior à média. Pelo Via Verde, planejamos plantar em vias e áreas públicas prioritárias, especialmente onde há asfaltamento ou índices baixos, levando os benefi-

cios a toda a população”.

O plano segue a regra 3-30-300: cada pessoa precisa ver três árvores de sua janela, cada bairro deve ter 30% de cobertura verde mínima e todos devem estar a até 300 metros de uma área verde qualificada.

Dayane revela que o município revisa a Política Municipal de Arborização Urbana para expandir projetos e manter o título. “Uma meta importante é aumentar o uso de espécies nativas do Cerrado, hoje com baixa disponibilidade. Queremos priorizar as nativas e ampliar a capacidade do viveiro municipal”. Para alcançar o laureamento, a Capital precisou atender a cinco padrões

de qualidade. Estabelecer responsabilidade e delegar o cuidado das árvores a um órgão; criar regras para o manejo da área verde; manter dados atualizados sobre espécies de plantas; alocar recursos dedicados ao manejo; e realizar celebração anual para a fauna urbana.

Nilson Figueiredo



O plano segue a regra 3-30-300: cada pessoa deve ver três árvores de sua janela

Árvores e qualidade de vida

Roberta Martins



Flávio Macedo Alves, professor da UFMS (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul), especialista em botânica, é integrante da equipe que desenvolveu o Manual de Arborização Urbana e o Guia de Identificação de Árvores de Campo Grande.

Ele explicou ao jornal *O Estado* que uma cidade arborizada tem um controle de microclima e qualidade do ar maior, além da retenção de poluentes, redução do ruído e prevenção de en-

doenças. “Elas valorizam a biodiversidade, servindo de abrigo e alimento para aves, mamíferos e morcegos, atraindo turismo ecológico, como o evento Avistar”.

Flávio também destaca o

conforto psicológico proporcionado pelas áreas verdes, citando a biofilia: “Como passamos grande parte da nossa evolução ligados à natureza, trazê-la para o espaço urbano melhora o bem-estar emocional. Todos gostam de contato com cachoeiras, rios ou chuva; isso nos faz bem”.

Entre as políticas públicas, o professor elogia o Plano Diretor de Arborização Urbana, publicado em 2010 e que é atualizado regularmente.

**PARABÉNS
CAMPO GRANDE,
127 ANOS.**

Lugar de prosperidade e felicidade.

Com o coração grato,
hoje celebro minhas raízes.
Aqui nasci, cresci e criei minhas filhas,
compartilhando com meus familiares
e amigos o amor e a gratidão por ter
aprendido nesta cidade o valor
da amizade e do respeito.

Eu tenho orgulho de ser filho
desta terra!

DEPUTADO ESTADUAL
JERSON DOMINGOS
44122

**MS conhece.
MS confia.**

Tree City of the World

Fotos: Nilson Figueiredo

MUITO ALÉM DA SOMBRA:

o que as árvores fazem por Campo Grande

Mais do que a quantidade, a cidade alia áreas verdes, qualidade de vida e gestão ambiental, mas enfrenta o desafio de distribuir a arborização

Maria Gabriela Arcanjo

“O que fez a gente ficar em Campo Grande foi que a gente se apaixonou por essa cidade, por ser uma capital, mas tem essa cara de interior, de calmaria, é o que apaixonou”. É assim que a psicopedagoga Érica Pacheco fala sobre a capital sul-mato-grossense. Para muitos que leem, a primeira impressão pode não remeter ao que ela realmente se refere, a quantidade de áreas verdes na cidade.

Para quem cresceu em

outra região, a relação com o verde pode ser ainda mais perceptível. Érica nasceu em Maceió, em Alagoas, e chegou a Campo Grande em 2017. Para ela, a presença das áreas verdes ajudou a construir a relação com a cidade.

Na rotina da família, parques e espaços abertos também são associados ao descanso, à saúde e ao bem-estar. “Eu acho que a gente ter essa conexão, você se sente pertencente, mais próximo e traz essa paz. Em questão de saúde também,

a gente respira, a gente sente que respira um ar diferente, tanto para saúde mental quanto para o corpo também”.

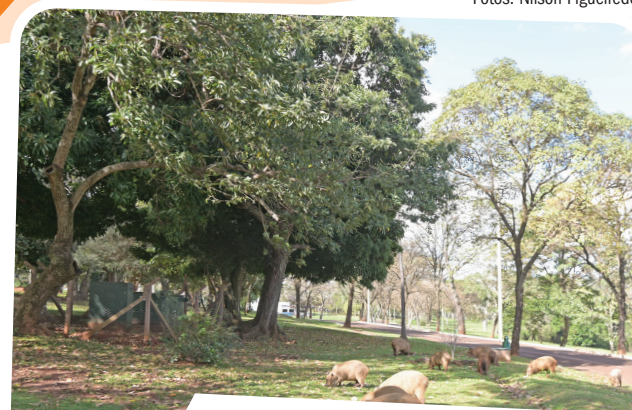
Hoje, esse contato com a natureza também faz parte da criação dos dois filhos. Como pedagoga, Érica relaciona os espaços ao ar livre ao desenvolvimento infantil e lembra do impacto de manter as crianças muito tempo em ambientes fechados e diante das telas. “Eu, como pedagoga, já atuei também em sala de aula e aí me incomodava isso de a gente

estar muito preso dentro das salas, com a questão de tela. Eu vejo o impacto que isso tem na vida das crianças. Quanto mais livres eles estão, mais criatividade eles têm; eles conseguem ter liberdade também”, explica.

Pelo sétimo ano consecutivo, Campo Grande é reconhecida como Cidade Árvore do Mundo (Tree City of the World), uma certificação internacional que avalia a gestão da arborização urbana, leis de proteção e monitoramento. Muito mais do que ter muitas árvores espalhadas pela cidade, o reconhecimento leva em conta a forma como a arborização é planejada e administrada.

“Muitas vezes fazem uma confusão de que é uma cidade árvore porque tem muitas árvores, e não é isso. O reconhecimento pelo título reconhece a gestão da arborização. Não é pela quantidade, é pela gestão adequada da arborização urbana”, explica Silvia Rahe, bióloga e auditora fiscal de meio ambiente, atuando na Gerência de Arborização da SEMADES (Secretaria Municipal de Meio Ambiente, Gestão Urbana e Desenvolvimento Econômico, Turístico e Sustentável).

Para receber o reconhecimento, o município precisa comprovar cinco critérios, entre eles a existência de um órgão responsável pela arborização, legislação específica, inventário atualizado das árvores, investimento em manejo e plantio e ações que envolvam a população. A certificação é renovada anualmente. “É um programa que fomenta que os municí-



Áreas verdes ajudam a preservar a identidade e fazem parte da rotina de quem busca contato com a natureza



pios estejam sempre dentro dessas regras para não perder o reconhecimento”, declara.

Dados do IBGE apontam a Capital como a mais arborizada do Brasil. Mato Grosso do Sul aparece como o estado com maior arborização no sistema viário.

A gestão também passou a considerar a regra 3-30-300, incorporada ao Plano Nacional de Arborização Urbana. A proposta estabelece que cada pessoa consiga visualizar pelo menos três árvores da janela de casa, viva em um bairro com 30%

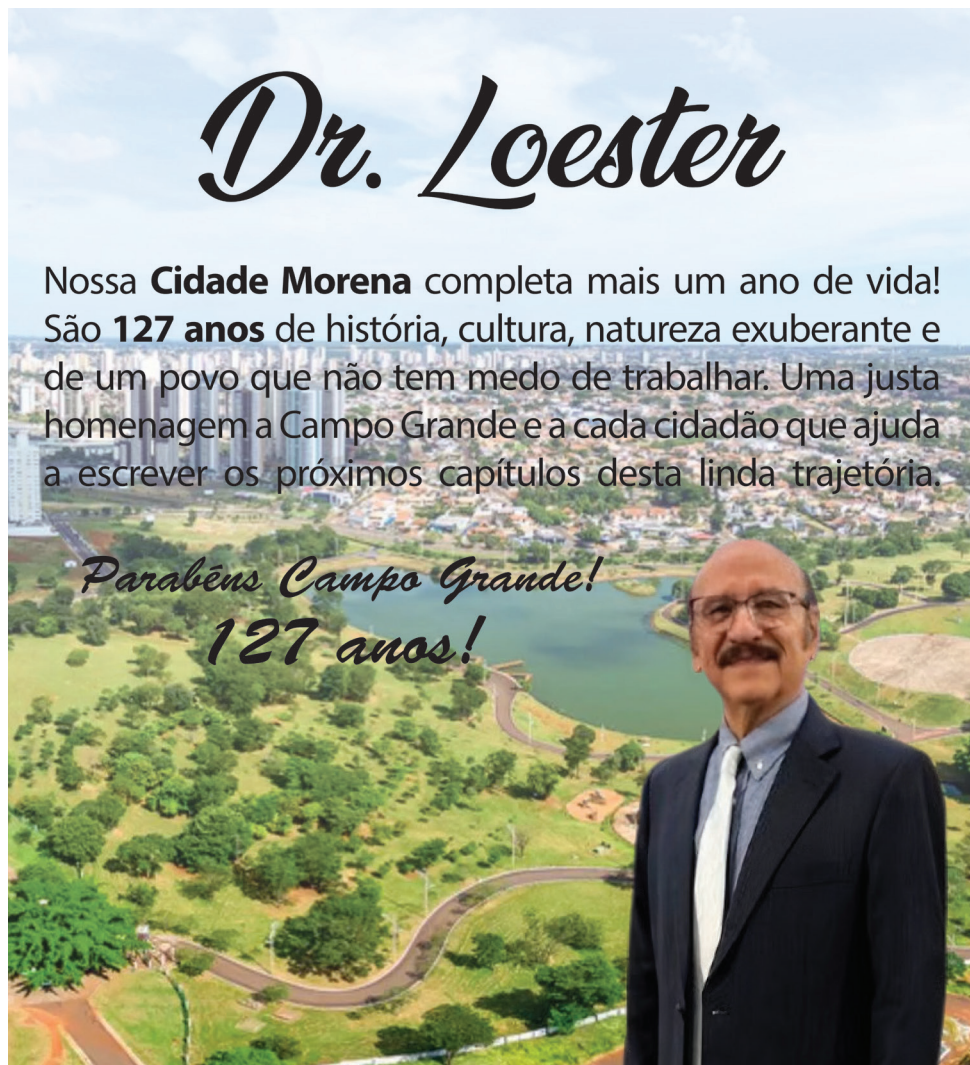
de cobertura de copa e tenha uma área verde pública a até 300 metros de distância.

Apesar dos indicadores positivos, o desafio é distribuir essa arborização. Hoje, apenas sete bairros de Campo Grande atingem a meta de 30% de cobertura de copa. Mais do que contribuir para a paisagem urbana, as árvores também são relacionadas à saúde. Segundo a bióloga, elas ajudam a reduzir a temperatura e melhorar o microclima. “A arborização vai começar a ser considerada como um equipamento de saúde”.

Dr. Loester

Nossa **Cidade Morena** completa mais um ano de vida! São **127 anos** de história, cultura, natureza exuberante e de um povo que não tem medo de trabalhar. Uma justa homenagem a Campo Grande e a cada cidadão que ajuda a escrever os próximos capítulos desta linda trajetória.

Parabéns Campo Grande!
127 anos!



Campo
Grande
127
anos

Saneamento que
preserva a vida
e *transforma*
o futuro.

Celebrar Campo Grande é valorizar as conexões reais que unem a nossa gente e fazem a vida fluir todos os dias. Quando o saneamento chega a mais famílias, a gente cuida da saúde, do meio ambiente e de uma cidade que tem muitos motivos para continuar avançando.

Porque cuidar do presente é a forma mais bonita de preparar o futuro. Parabéns, Campo Grande!

ÁGUAS
GUARIROBA

UMA EMPRESA
cegea

Preservação

CAPITAL DAS ARARAS,

Campo Grande virou refúgio das espécies graças aos quintais das casas e à arborização

Biel Gill e Ian Netto

Encontradas em parques, avenidas e nos quintais das casas, as araras fazem parte da paisagem de Campo Grande e ajudaram a transformar a Capital em referência nacional na conservação dessas aves em ambiente urbano.

Esse reconhecimento é resultado de uma combinação entre arborização, disponibilidade de alimento e um trabalho contínuo de monitoramento desenvolvido pelo Instituto Arara Azul, que acompanha a reprodução das espécies e reúne informações para orientar ações de conservação. O acompanhamento das araras-canindé começou em 2011, com o projeto Aves Urbanas – Araras na Cidade. Ao longo de 15 anos, a equipe passou a identificar ninhos, monitorar casais reprodutivos e acompanhar o desenvolvimento dos filhotes, criando um banco de dados que hoje ajuda pesquisadores a entender o comportamento da espécie dentro da cidade. "Todo projeto de conservação parte do conhecimento básico sobre a espécie. Para conservar, a gente precisa conhecer", afirma a bióloga Larissa Tinoco, coordenadora de campo do projeto.

Atualmente, mais de 400 ninhos naturais de araras-canindé estão cadastrados em Campo Grande. O monitoramento também ultrapassou a marca de 1,2 mil filhotes identificados por

meio de anilhas, microchips e medalhas, permitindo que esses animais sejam reconhecidos ao longo da vida e forneçam informações sobre deslocamento, sobrevivência e reprodução.

Segundo Larissa, a participação da população é uma das principais características do projeto. Mais de 60% dos ninhos monitorados estão em residências e chegam ao conhecimento dos pesquisadores por meio dos próprios moradores. "Os quintais são importantes para as araras aqui em Campo Grande. Muitas vezes, é o morador que percebe a presença de um ninho e entra em contato para que a gente faça o acompanhamento", explica.

Dados ajudam a orientar a conservação

Grande parte dos ninhos cadastrados está em palmeiras imperiais que tiveram o topo retirado e acabaram formando cavidades utilizadas pelas aves para reprodução. Há também moradores que preservam essas árvores justamente por saberem que elas podem servir de abrigo para as araras.

Além dos locais para a construção dos ninhos, a cidade oferece alimento durante praticamente todo o ano. "Manga, coco-da-baía, bocaiúva e baru fazem parte da alimentação delas. É uma espécie bastante generalista, consegue aproveitar bem os recursos que encontra", explica.

Mais de 60% dos ninhos monitorados estão em residências, onde moradores ajudam pesquisadores a acompanhar a reprodução

O trabalho realizado na Capital integra as ações desenvolvidas pelo Instituto Arara Azul com outras espécies. No caso das araras-azuis, já são mais de 500 ninhos artificiais instalados, mais de 500 ninhos naturais cadastrados e mais de mil filhotes marcados. Os levantamentos permitem acompanhar o crescimento das populações, identificar ameaças e direcionar medidas de conservação.

Apesar dos resultados, o avanço da urbanização

continua sendo um desafio. A redução de áreas com vegetação nativa diminui a oferta de alimento, enquanto a rede elétrica e o uso de linhas com cerol e linha chilena seguem entre as principais causas de acidentes registrados com as aves. "A gente sabe que não são só as araras que correm o risco. Quem também corre risco são pessoas que andam de bicicleta, de moto e até as próprias crianças que vão manipular essas linhas", ressalta Larissa.



Em Campo Grande, são mais de 500 ninhos artificiais instalados, outros 500 ninhos naturais e mais de mil filhotes marcados.



Assistência

NOVOS PROJETOS

vão ampliar atendimento social em Campo Grande

Novo Centro POP, primeiro Censo da População em Situação de Rua e campanha contra o trabalho infantil estão entre as ações

O aniversário de 127 anos de Campo Grande será marcado, na área da assistência social, pela implantação de novos projetos voltados à população em situação de vulnerabilidade. Entre as iniciativas anunciadas pela SAS (Secretaria Municipal de Assistência Social e Cidadania) estão o novo Centro POP, o primeiro Censo da População em Situação de Rua da Capital e a campanha “Infância Sem Corrente”, de enfrentamento ao trabalho infantil.

Para a titular da pasta, Camilla Nascimento, as iniciativas representam a concretização de projetos pensados para ampliar e qualificar o atendimento à população. “Tenho a felicidade de ver algumas ideias em que acreditei muito ganhando vida. Algumas começaram como inquietação. Outras, com aquela sensação de que ‘dá para fazer diferente’. E muitas nasceram simplesmente de olhar para uma realidade e pensar: ‘Dá para fazer melhor’”, afirmou.

O novo Centro POP terá como objetivo oferecer um espaço mais estruturado para o atendimento de pessoas em situação de rua. Segundo Camilla, a proposta vai além da mudança

de endereço e envolve uma nova forma de atendimento. “Mais do que mudar de endereço ou inaugurar um prédio, queremos oferecer um espaço mais digno e uma nova forma de trabalhar com a população em situação de rua. Um lugar de atendimento, oportunidades e construção de caminhos para quem deseja mudar a própria história”, destacou.

Outra iniciativa será o primeiro Censo da População em Situação de Rua de Campo Grande, realizado em parceria com o NUDEDH (Núcleo de Direitos Humanos da Defensoria Pública), com o Ministério Público Estadual e com o Governo do Estado. O levantamento pretende reunir informações sobre o perfil, as necessidades e as trajetórias das pessoas que vivem nessa condição, servindo como base para o planejamento das políticas públicas. “Política pública não pode ser feita apenas com aquilo que imaginamos. Precisamos conhecer a realidade, entender quem são essas pessoas, suas necessidades e trajetórias. Para cuidar melhor, primeiro precisamos conhecer melhor”, disse a secretária.

A campanha “Infância Sem Corrente”, voltada ao enfrentamento do trabalho infantil, pretende mobilizar



Para Camilla, as iniciativas representam a concretização de projetos pensados para ampliar o atendimento à população

“No aniversário de Campo Grande, mais do que falar sobre o futuro, prefiro celebrar aquilo que estamos construindo no presente. Parabéns, Campo Grande”

Camilla Nascimento, secretária de Assistência Social e Cidadania

diferentes setores da sociedade para ampliar a proteção de crianças e adolescentes. “Proteger nossas crianças e adolescentes não é tarefa de uma secretaria, de um Conselho ou de uma família. É responsabilidade de todos nós”, afirmou Camilla.

A secretária Camilla cita ainda o Inverno Acolhedor, que oferece proteção à população durante as noites mais frias, e se

tornou referência nacional.

Além dos novos projetos, a SAS mantém ações permanentes por meio dos CRAS (Centros de Referência de Assistência Social), CREAS (Centros de Referência Especializados de Assistência Social), unidades de acolhimento e núcleos de Direitos Humanos. A Escola do SUAS, voltada à capacitação dos profissionais da assistência social, e ações do PROCON, para

aproximar informação e orientação sobre direitos dos consumidores.

Nas unidades de acolhimento, a administração municipal também destaca o cuidado com crianças, adolescentes, idosos, migrantes e população em situação de rua, ofertando atendimento especializado e buscando a garantia de direitos. A pasta também desenvolve iniciativas de convivência e cidadania,

como o Fest SUAS, voltado ao público idoso, e a Caminhada da Paz.

Para Camilla, parte dos resultados da assistência social não aparece necessariamente em indicadores ou números. “Na Assistência Social, nem todo resultado cabe numa planilha. Às vezes, o resultado é alguém que voltou para a família. É uma criança protegida. É um idoso que está acolhido ou em espaço de convivência. É uma pessoa que conseguiu uma oportunidade de trabalho.” Mesmo assim, a Secretária adotou como boas práticas a prestação de contas junto à Câmara Municipal por meio de relatórios trimestrais, focando em tipos de serviços, números de atendimentos e valores investidos, como forma de dar transparência à sua gestão.

Segundo a secretária, a intenção é manter o foco na transformação da realidade da população. “Cargo passa. Agenda passa. Evento passa. Mas o que a gente consegue transformar na vida das pessoas fica.”

Para ela, o aniversário de Campo Grande representa não apenas uma oportunidade de olhar para o futuro, mas também de reconhecer as ações que já estão em andamento. “No aniversário de Campo Grande, mais do que falar sobre o futuro, prefiro celebrar aquilo que estamos construindo no presente. Porque sonho é muito bom. Mas sonho saindo do papel é melhor ainda. Parabéns, Campo Grande. Eu ainda sonho muito com você.”

Biel Gill

Mais de 670 mil mudas de espécies nativas do Cerrado já foram produzidas pelo Viveiro Isaac de Oliveira desde sua criação, em 2010. Mantido pela Águas Guariroba e pela Ambiental MS Pantanal, o espaço nasceu para recuperar as matas ciliares das bacias dos córregos Guariroba e Lageado, responsáveis pelo abastecimento de Campo Grande. Com o passar dos anos, ampliou sua atuação e hoje atende projetos de restauração ambiental em diferentes regiões de Mato Grosso do Sul.

Em 2024, o viveiro foi ampliado e passou a ter capacidade para produzir até 100 mil mudas por ano. Segundo o gerente de Meio Ambiente da Águas Guariroba, Fernando Garayo, o crescimento acompanhou o aumento da procura por mudas. "O viveiro começou

Reflorestamento

Viveiro em Campo Grande já produziu 670 mil mudas e amplia recuperação do CERRADO DE MATO GROSSO DO SUL

Criado para proteger mananciais que abastecem a Capital, o espaço ampliou a produção e hoje abastece projetos de restauração ambiental em todo o Estado



Fotos: Cayo Cruz

pedições. Depois da coleta, as sementes passam pelo berçário até a germinação e seguem para tubetes ou recipientes maiores, conforme o destino da muda.

O tempo de produção varia conforme a espécie. Enquanto algumas ficam prontas em cerca de seis meses, outras, como o ipê-verde, levam até três anos. O viveiro também utiliza um sistema de irrigação automatizado, com frequência de água adaptada às necessidades de cada espécie, garantindo melhores condições para o desenvolvimento das mudas.

Crescimento traz novos desafios

As doações das mudas se concentram entre outubro e o início de abril, período mais favorável ao plantio. Embora qualquer interessado possa solicitar mudas pelo site da concessionária, a prioridade é atender projetos de recuperação ambiental ligados aos mananciais. O viveiro também abastece iniciativas desenvolvidas por instituições parceiras, como a Rede WWF (World Wide Fund for Nature – Fundo Mundial para a Natureza), Instituto Água Serra da Bodoquena, Rotary e Instituto Homem Pantaneiro.

Além da produção, o espaço recebe escolas e entidades por meio do programa Portas Abertas, que apresenta o processo de produção das mudas e ações de educação ambiental.

Segundo Garayo, a maior demanda por mudas nos últimos anos exigiu a ampliação da estrutura. Ao mesmo tempo, encontrar sementes se tornou um desafio maior por causa da redução de árvores matrizes provocada pelo desmatamento e pela expansão da monocultura. "Nosso desafio é continuar atendendo essa demanda crescente e manter a diversidade de espécies para os projetos de restauração", afirma.

de maneira pequena e foi evoluindo ao longo do tempo. Hoje temos capacidade para produzir 100 mil mudas por ano e já doamos mais de 670 mil mudas desde a criação", afirma.

O foco da produção são áreas de preservação permanente, nascentes, reservas legais e matas ciliares. Desde a implantação da Parceria Público-Privada da Ambiental MS Pantanal com o Governo do Estado, as mudas também passaram a atender projetos no interior.

"Nossa prioridade é a restauração dos mananciais. Quando recuperamos essas áreas, estamos protegendo a disponibilidade de água", explica.

Da semente ao plantio

O viveiro produz exclusivamente espécies nativas do Cerrado. Atualmente, são mais de 50 espécies cultivadas, entre elas ipês, jacarandá, pau-formiga, angico-preto e jenipapo.

As sementes são disponibilizadas por meio de projetos ambientais e ex-

Parabéns,
CAMPO GRANDE!

126 ANOS

Nossa cidade cresce, se transforma e acolhe. E a QualiSalva tem orgulho de fazer parte dessa história, cuidando do que mais importa: *vidas.*

Campo Grande é feita de pessoas fortes, solidárias e determinadas.

E por aqui, seguimos

24H POR DIA
prontos para proteger você e sua família.

Um número. Uma solução.

Na QualiSalva, você tem

- 24h
Atendimento 24h
- Emergências e urgências
- Atendimento domiciliar
- Cuidado para toda a família

Precisa? Chama a Quali!
(67) 2106-1545

QUALI SALVA
SERVIÇOS MÉDICOS
24h por dia. Um número. Uma solução.

Campo Grande merece o melhor cuidado.
Nós cuidamos!



26 DE AGOSTO

PARABÉNS CAMPO GRANDE 127 ANOS

O FUTURO SE
CONSTRÓI COM
TRABALHO UNIÃO
E ESPERANÇA.

ESTEVÃO
PETRALLÁS
PRESIDENTE FFMS

FEDERAÇÃO
DE FUTEBOL DE
MATO GROSSO
DO SUL



Danielly Carvalho
e Lucas Artur

Preservação

CAMPO GRANDE

aumenta orçamento de gestão ambiental em 4,5% e compensações financiam novas ações

No aniversário de Campo Grande, o orçamento municipal mostra crescimento na previsão de recursos destinados à gestão ambiental. Levantamento realizado pela equipe de reportagem do jornal *O Estado*, com base nas Leis Orçamentárias Anuais (LOAs) e em dados disponíveis no Portal da Transparência da Prefeitura de Campo Grande, aponta que o valor previsto para a função "Gestão Ambiental" passou de R\$ 53,18 milhões, em 2024, para R\$ 55,59 milhões, em 2025. O aumento foi de R\$ 2,41 milhões, ou aproximadamente 4,5%.

Os valores apresentados correspondem ao que foi previsto nas respectivas Leis Orçamentárias Anuais (LOAs) e não, necessariamente, ao que foi efetivamente gasto. A execução pode ser consultada na plataforma, que detalha os

empenhos, as liquidações e os pagamentos.

Em 2024, o Fundo Municipal de Meio Ambiente (FMMA) teve R\$ 4,24 milhões previstos. Em 2025, passou a R\$ 4,36 milhões. A Planurb saiu de R\$ 11,39 milhões para R\$ 11,73 milhões no período, enquanto a Semadur teve previsão de R\$ 77,14 milhões em 2024 e R\$ 79,35 milhões em 2025.

Já a LOA de 2026 apresenta uma mudança na estrutura administrativa e na distribuição das despesas. O FMMA aparece com R\$ 4,4 milhões, a Planurb com R\$ 19,3 milhões e a Semades com R\$ 42,55 milhões.

Compensação

Além dos recursos previstos no orçamento, a preservação também conta com as compensações exigidas de empreendimentos que precisam retirar árvores. Segundo Dayane Zanela, gerente de Arborização de Campo Grande, a autorização para supressão prevê uma contrapartida.

"Para cada árvore retirada, ele planta 30. Caso não seja possível o plantio direto, há a conversão financeira, com doação de insumos e serviços para o nosso viveiro", explica.

A ação compensatória transforma parte das intervenções autorizadas em re-

ursos e estrutura para ampliar a cobertura vegetal da cidade. "Todos esses valores são revertidos para a manutenção da arborização urbana", afirma Dayane.

Em 2025, a Gerência de Arborização coordenou o plantio de 9.429 mudas pelo Projeto Via Verde. No mesmo ano, o Viveiro Municipal Flora do Cerrado produziu aproximadamente 40 mil mudas, das quais 27.153 foram doadas ou distribuídas aos moradores.

A medida também cria uma relação direta entre a expansão urbana e a reposição ambiental, já que parte das intervenções necessárias para obras pode gerar contra-



Fotos: Nilson Figueiredo

partidas destinadas à própria estrutura de arborização do município. O mecanismo permite que a compensação não se encerre na retirada, mas retorne em forma de insumos ou serviços para outras áreas da cidade.

Para a gerente, a aplicação desses recursos precisa estar associada ao planejamento do plantio e ao acompanhamento das árvores depois que chegam às ruas. "Não é só plantar uma árvore. É pla-

nejear onde ela será colocada, qual espécie será utilizada e como será feito o manejo ao longo do tempo", destaca.

A proposta, segundo Dayane, é fazer com que as ações ambientais não se limitem à reposição das árvores retiradas, mas também ampliem a capacidade de arborização da Capital. "Queremos aumentar o número de plantios e ampliar a capacidade de produção do viveiro municipal", afirma.

CIRCUITO
SEBRAE

CONEXÕES
REGIONAIS



JOÃO
BRANCO

Ex-diretor
de marketing do
McDonald's Brasil

PALESTRA
DESMARKETIZE-SE

Repense a relação com
seu público e descubra
as estratégias do
marketing do futuro.

DATA: 1/9 HORÁRIO: 19h

LOCAL: Sebrae/MS
Av. Mato Grosso, 1661

INSCRIÇÕES GRATUITAS
MS.LOJA.SEBRAE.COM.BR/CIRCUITO



SEBRAE

Campo Grande faz 127 anos.

Uma história de desenvolvimento que inspira Mato Grosso do Sul.



Seu crescimento também se faz com saneamento, que é referência para a **Ambiental MS Pantanal** no interior do estado, aonde levamos tratamento de esgoto e mais qualidade de vida para milhares de famílias.

AMBIENTAL
æ MS PANTANAL

UMA EMPRESA
ægea

Refúgio

CRAS VIRA LAR PARA ANIMAIS SILVESTRES

resgatados enquanto novas espécies são registradas no município

Para abrigar sua fauna, Capital conta com o maior e mais moderno centro de reabilitação de animais silvestres da América Latina

Lucas Artur e Danielly Carvalho

Em meio ao avanço da cidade sobre o Cerrado ao longo dos mais de cem anos da cidade morena, o CRAS (Centro de Reabilitação de Animais Silvestres) de Campo Grande tornou-se

um ponto de acolhimento para centenas de animais no Estado que sofreram acidentes ou são vítimas do tráfico e das queimadas.

A médica veterinária Jordana Toqueto, que atua na unidade há cerca de quatro anos, explica que

o trabalho vai além do tratamento. “Nossa principal questão é a reabilitação, levar esse animal de volta para a natureza”.

Em 2025, a cidade ganhou um reforço estrutural com o Hospital Veterinário Ayty, que significa cuidado

em guarani, e é considerado o maior e mais moderno centro de reabilitação de animais silvestres da América Latina. Com 1.153 metros quadrados de área construída, o hospital conta com centro cirúrgico, raio-x, farmácia e setor de pós-operatório.

O CRAS registrou 808 atendimentos apenas nos primeiros seis meses de 2025. As principais causas são atropelamentos, queimadas, desmatamento e tráfico. Atualmente, cerca de 320 animais seguem em recuperação no centro, em diferentes fases do tratamento. Aves lideram os resgates, com destaque para os psitacídeos, grupo que inclui papagaios, araras, periquitos e maritacas.

Mamíferos como lobinhos, macacos, tamanduás e até onças-pintadas representam quase 15% dos atendimentos, enquanto répteis como cobras, jacarés e jabutis somam pouco mais de 200 casos.

“Mamíferos, aves, a gente recebeu até um cachorro-vinagre esse ano. Lobo-guará, a gente recebeu essa semana. Corujas, aves, tanto jandaia, periquitos, papagaios, a gente tem recebido bastante de apreensões”, a demanda, segundo ela, se concentra no segundo



“Mamíferos, aves, a gente recebeu até um cachorro-vinagre esse ano”

Nilson Figueiredo

semestre.

O CRAS não atua sozinho e a veterinária destaca a importância das parcerias. “Em casos específicos, como o exemplo das antas, a gente sempre busca entrar em contato com as ONGs. O Instituto Tamanduá é nosso parceiro. A gente troca conhecimento, troca ideia, para ver o que é melhor para o animal”.

Casos que marcaram

Em fevereiro de 2026, um tamanduá-bandeira foi resgatado dentro de um shopping de Campo Grande. O animal foi encontrado na área de acesso ao elevador do último piso e encaminhado ao CRAS sem lesões aparentes. Dias antes, outro tamanduá da mesma espécie havia sido resgatado em uma agência bancária na Avenida Mato Grosso.

Em junho de 2026, um filhote de veado foi flagrado assustado no canteiro central da Avenida Afonso Pena, próximo ao Parque dos Poderes. O fotógrafo Abissai Cordeiro ajudou o animal a atravessar a via e chegar em segurança até a mata do Parque Estadual do Prosa. Moradores relatam que ver bichos pela cidade “está se tornando rotina” por conta do des-

matamento e da expansão urbana.

O crescimento urbano de Campo Grande tem superado o crescimento populacional, e o Inventário da Fauna Silvestre do município registrou 24 novas espécies em 2025, totalizando 868 espécies de vertebrados. Ao mesmo tempo, o desmatamento e os incêndios pressionam os animais a buscar refúgio nas áreas urbanizadas.

Como a população pode ajudar?

Jordana orienta que, ao encontrar um filhote, antes de recolhê-lo, observe se os pais estão por perto. “A mãe foi buscar alimentação e deixou os filhotes para depois ela retornar”. Em caso de ave, tente devolvê-la ao ninho. Se o animal estiver em risco, como sendo ameaçado por cães e gatos, a orientação é recolhê-lo, mas sempre com cautela.

A veterinária faz um alerta importante. “A gente sempre orienta, dependendo do animal, acionar a Polícia Militar Ambiental”. Ela lembra que já receberam casos de pessoas trazendo onças e quatis por conta própria, o que é extremamente perigoso. “Esse animal pode estar um pouco atordoado no momento, mas ele pode acabar machucando”.

CAMPO GRANDE **127** ANOS

É CLARO QUE CAMPO GRANDE MORA NO CORAÇÃO DA GENTE.

Terra dos ipês, do tereré e de gente que trabalha e dá resultado. Parabéns, Capital Morena.

DEPUTADO ESTADUAL

GERSON CLARO

11111

EXPERIÊNCIA QUE DÁ RESULTADO

FEDERAÇÃO UNIÃO PROGRESSISTA (44-UNIÃO/11-PP)

CNPJ CONTRATANTE: 08.455.820/0001-01 - CNPJ CONTRATADO: 05.042.000/0001-00 - TIRAGEM: 15 MIL EXEMPLARES - VALOR DA INSERÇÃO: R\$ 4000,00

Artigo

A importância da fauna vai muito além das QUESTÕES AMBIENTAIS

Poucos sabiam gostar tanto das coisinhas do chão como Manoel de Barros, poeta nascido e criado nesta terra. E nós, campo-grandenses, que, ao longo de 127 anos, aprendemos a dividir a cidade com uma fauna privilegiada no nosso dia a dia, ao nosso redor, nos quintais, da janela e no caminho para o trabalho. Celebrar o aniversário da Capital é também celebrar essa convivência fascinante com os seres que também habitam a nossa cidade.

Quando pensamos na biodiversidade campo-grandense, é comum que a primeira imagem seja a das imponentes árvores das nossas ruas. No entanto, são os animais que trazem

Fui criado no mato e aprendi a gostar das coisinhas do chão

Manoel de Barros

movimento e melodia à cidade. Nas ruas e parques de Campo Grande, encontramos sabiás, araras, mutuns, beija-flores, corujas, bem-te-vis, tucanos, papagaios, quatis, tatus, antas, macacos-prego, gambás, tamanduás, morcegos, abelhas, borboletas e libélulas. Cada uma dessas coisinhas do chão, dos galhos e do ar contribui para manter o equilíbrio e a beleza da nossa cidade. E a importância dessa fauna vai muito além das questões ambientais; ela nos propicia bem-estar diariamente, muitas vezes sem

que sequer notemos.

Gostar das coisinhas, como nos ensinou o poeta, é reconhecer o encantamento que elas produzem em nós. Quer encantamento maior do que ser despertado pelo canto de um sabiá numa manhã de segunda-feira? Ou cruzar com o voo de uma arara, colorindo o céu azul de uma terça-feira? Ou observar uma anta cruzar a rua no final de uma quinta-feira? Ou observar um bando de quatis passar correndo em um sábado no Parque dos Poderes? Esses encontros oferecem pausas necessárias

na nossa correria diária, conectando-nos com algo maior e reduzindo o estresse tão comum na vida moderna.

A presença dessa fauna atua como um serviço invisível de saúde pública. O contato com animais silvestres impacta diretamente a melhoria do humor e da saúde mental. Pássaros e morcegos controlam pragas. Abelhas e outros insetos garantem a polinização que mantém nossas áreas verdes exuberantes. Cada ser trabalha silenciosamente para tornar Campo Grande mais agradável para se viver, mas essa harmonia está ameaçada. O crescimento desordenado, a expansão imobiliária sem planejamento e a fragmen-



Filipe Martins Santos é biólogo e professor do Programa de Mestrado e Doutorado em Ciências Ambientais e Sustentabilidade Agropecuária da UCDB

tação dos habitats colocam em risco essa convivência. Diversas espécies da fauna da nossa cidade já estão sentindo essas mudanças. Se não agirmos com responsabilidade, não iremos apenas perder esses animais, mas também os encantamentos que eles nos proporcionam.

Celebrar os 127 anos de Campo Grande é também um chamado para que o crescimento seja feito com sabedoria, preservando os espaços verdes que permitem

à fauna continuar convivendo conosco. Que saibamos proteger esses vizinhos de penas, pelos e escamas. Que continuemos, como Manoel de Barros, aprendendo a gostar das coisinhas do chão, porque é exatamente nelas que mora o encanto que nos faz felizes. Parabéns, Campo Grande, pelos 127 anos. Que os próximos sejam marcados pela sabedoria de preservar a vida que pulsa em cada esquina da nossa cidade.

foccco
ILUMINAÇÃO

Parabéns
CAMPO GRANDE
127 anos



(67) 3342-7200
RUA 13 DE MAIO, 695
BAIRRO SANTA DOROTHEIA, CAMPO GRANDE

18 ANOS FOCADO NA SUA SATISFAÇÃO

Urbanismo

Santa Inês: integração entre VIDA, TRABALHO, LAZER E NATUREZA

Empresa aposta em urbanismo, áreas verdes e lazer para fortalecer a Região Norte da Capital

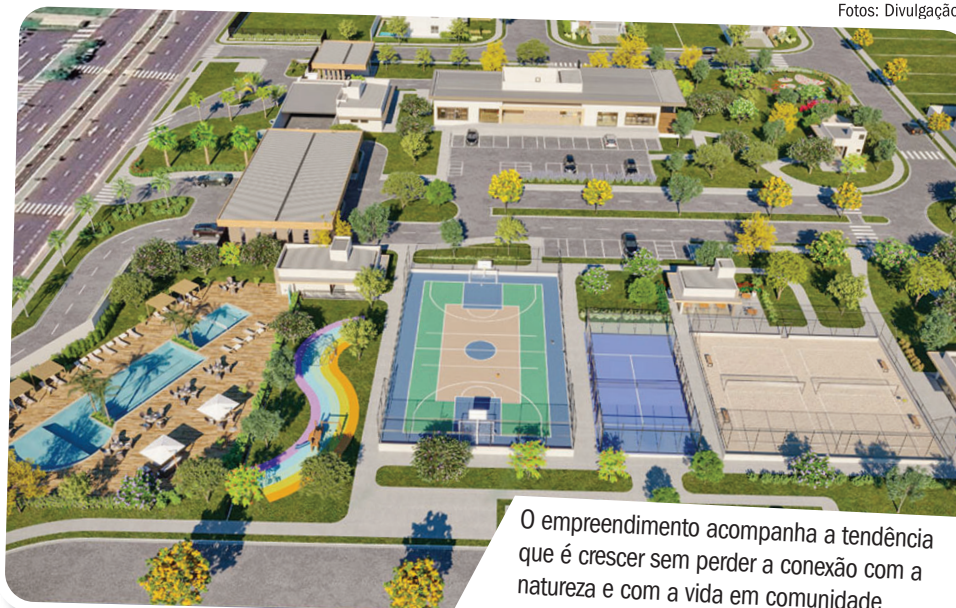
Sandra Salvatierre

A região norte de Campo Grande (MS) consolida um novo momento de expansão urbana com o maior bairro planejado de Campo Grande, que é o Santa Inês. Resultado de uma década de planejamento e dedicação. Desde 2013, a empresa direciona investimentos para uma área considerada estratégica pelo mercado imobiliário e que, nos últimos anos, passou a concentrar novos bairros, empreendimentos residenciais e serviços. O Santa Inês desenha um ecossistema urbano pensado na integração entre vida, trabalho, lazer e natureza em um só lugar.

"Era um grande vazio urbano. A cidade praticamente acaba ali. Mas a gente viu que havia um entorno inteiramente urbanizado e que essa área estava só esperando o momento certo para desabrochar", explicou a diretora da Santa Inês Empreendimentos, Cíntia Caleffi.

O Condomínio Reserva Santa Inês foi o ponto de partida da transformação da região Norte em 2020 e já figura entre os endereços mais desejados da Capital. Logo após, em 2023, foi entregue o Parque Villaggio Santa Inês. Um loteamento aberto com 100% dos lotes vendidos, pensado para ser um espaço de lazer, bem-estar e integração entre os moradores.

E, recentemente, o lançamento do Quar-



Fotos: Divulgação

O empreendimento acompanha a tendência que é crescer sem perder a conexão com a natureza e com a vida em comunidade

tier Santa Inês. Localizado ao lado do Shopping Bosque dos Ipês e com acesso pelas avenidas Zulmira Borba e Cônsul Assaf Trad, o condomínio fechado reúne soluções de engenharia, segurança, lazer e mobilidade em uma proposta que busca acompanhar a

evolução da cidade sem abrir mão do contato com a natureza.

O projeto oferece lotes entre 250 e 500 metros quadrados e contempla uma estrutura completa de lazer, incluindo piscinas, academia, quadras

esportivas, salão de festas, playground, brinquedoteca, espaços gourmet, pista de corrida, pet place, minimercado e fiação subterrânea, características ainda pouco comuns em empreendimentos da região.

Durante o lançamento, o cantor Ricardo Mariano, da dupla Munhoz & Mariano, e a atriz Jake-line Oliveira conheceram o empreendimento. O casal destacou a proposta de valorizar características próprias de Campo Grande, como o contato com a natureza, o clima e o estilo de vida das famílias sul-mato-grossenses. "Fiquei impressionado com a qualidade do condomínio. O Quartier vai surpreender todo mundo."

Mais do que oferecer novos lotes residenciais, o projeto busca contribuir para a transformação da paisagem urbana da Capital, fortalecendo uma região que reúne potencial de valorização, investimentos em infraestrutura e qualidade de vida.



Existe um motivo para o céu mais bonito do Brasil
escolher esta cidade.

Mais do que o espetáculo do nosso pôr do sol, são as
pessoas e o ritmo do seu crescimento que tornam
esta capital única.

Na Santa Inês, temos orgulho de construir o futuro ao
seu lado, desenvolvendo um bairro planejado que
respeita a sua essência e acolhe a sua história.

**Parabéns, Campo Grande, pelos seus anos de beleza,
crescimento e inspiração.**

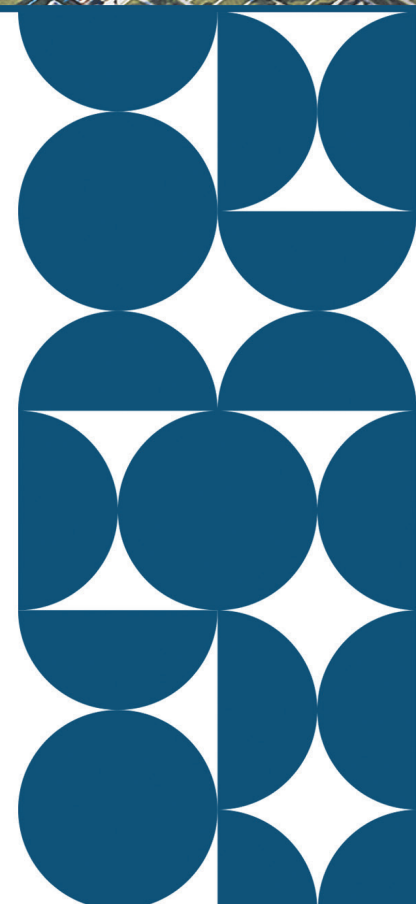
santainês
EMPREENDIMENTOS



Projeção do bairro planejado Santa Inês.

CONHEÇA A REGIÃO NORTE

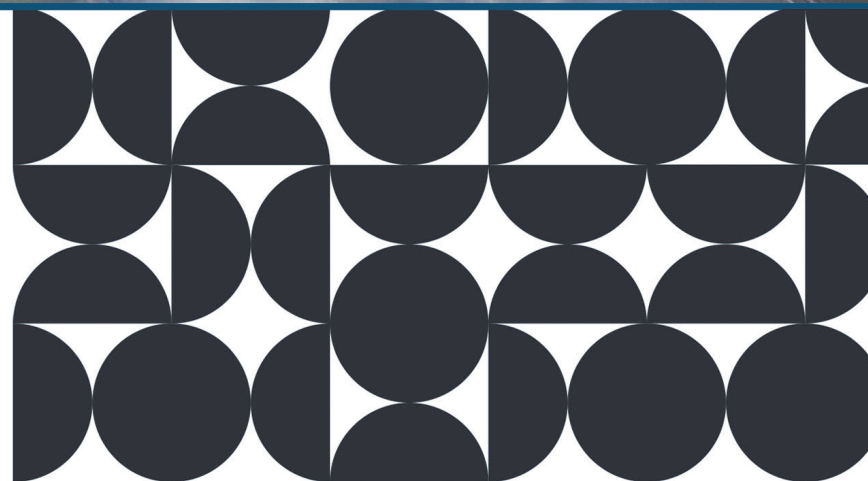
O maior projeto de
desenvolvimento urbano
que Campo Grande já viu!





Um bairro planejado que está transformando a região norte da cidade e projetando um novo horizonte para seu crescimento.

Com infraestrutura moderna, acessos revitalizados, avenidas amplas, sistemas de segurança e áreas de lazer integradas.



santainês
EMPREENDIMENTOS

Capital dos frutos nativos



Fotos: Arquivo Pessoal

Campo Grande encontra NO CERRADO NOVOS SABORES E NEGÓCIOS

Frutos nativos chegam ao mercado da cidade e criam renda para quem vive da conservação do bioma

Djeneffer Cordoba

A pergunta que deu origem a "Cerrado em Pé" não começou em uma cozinha, nem em uma prateleira de supermercado. Surgiu entre dois biólogos preocupados com o avanço da ocupação sobre a vegetação nativa de Mato Grosso do Sul. Rodrigo e a esposa, Bruna, queriam encontrar uma forma de fazer com que preservar o Cerrado também fosse uma fonte de renda.

A resposta veio pelos frutos. Guavira, bocaiúva, baru, jatobá, pequi, mangaba, jenipapo, acuri, cajá e guariroba já faziam parte do trabalho de agricultores, comunidades extrativistas e povos indígenas. O desafio era fazer essa produção sair do interior e chegar aos consumidores. Foi para atender a essa necessidade que a empresa começou a atuar, em 2019.

"A gente viu a dificuldade que as pessoas tinham no interior para trazer isso para o maior centro urbano, de ter mais acesso a mercado. Foi daí que resolvemos criar a "Cerrado em Pé", conta Rodrigo.

Campo Grande passou a ser esse ponto de ligação. A empresa recebe frutos in natura ou produtos que já chegam com algum beneficiamento feito pelas comunidades, faz novas etapas de processamento e leva os ingredientes ao consumidor. Hoje, cerca de 25 grupos fornecem para a empresa, entre associações, cooperativas, famílias de agricultores e outras iniciativas.

A produção também varia de acordo com cada fruto. Cada espécie tem sua época e depende da quantidade disponível em cada território. O baru, por exemplo, pode ter uma safra maior em um ano e

menor no seguinte. Com a guavira, também há essa variação. "Cada fruto, cada espécie, tem a sua dinâmica própria", explica Rodrigo.

Em Campo Grande, parte dessa produção ganha outras formas. A matéria-prima vira geleia, suco, castanha, farinha, biscoito, bolo, pão, café especial, molho, patê e outros alimentos. Produtos que antes circulavam principalmente entre as próprias comunidades passam a chegar a consumidores, empresas e eventos da Capital.

Para Rodrigo, vender esses produtos é uma parte do trabalho. O objetivo também é fazer com que o dinheiro gerado pela cadeia chegue a quem vive nos territórios onde os frutos são encontrados. Se a vegetação nativa pode gerar renda, passa a existir mais uma razão para mantê-la de pé.

"Como fazer para que a

sociedade valorize o Cerrado, o Pantanal, nossa vegetação nativa? A gente sempre entendeu que um dos fatores primordiais é a questão econômica. É muito importante que quem preserve ganhe dinheiro por isso; veja na preservação uma ótima fonte de renda".

Para quem compra em Campo Grande, o Cerrado deixa de ser apenas parte da paisagem ou um assunto ligado à preservação. Ele também pode estar no alimento que chega à mesa.

"Todos nós que vivemos no centro urbano podemos nos aproximar da natureza através do nosso alimento. Mesmo estando dentro da cidade, a gente pode fazer parte do Cerrado, fazer parte desses ambientes através daquilo que a gente se alimenta".

A relação também tem espaço na própria economia de Campo Grande. A cidade



Rodrigo ensina que, quando se preserva, também dá frutos

Arquivo pessoal

concentra consumidores, restaurantes, empresas e eventos que podem receber esses produtos, criando um mercado para ingredientes que vêm de diferentes regiões do Estado.

A "Cerrado em Pé" formalizou a empresa em 2022 e, no mesmo ano, venceu o Startup Challenge do Sistema Fiems. Para Rodrigo, porém, o resultado do negócio não está apenas na quantidade de produtos vendidos. Está em criar uma alternativa para que

a vegetação nativa também tenha valor econômico sem precisar ser retirada.

No fim da cadeia, uma porção de farinha de bocaiúva ou uma castanha de baru pode parecer apenas um alimento. Antes de chegar a Campo Grande, porém, passou pelas mãos de quem coleta ou produz, por uma cadeia de beneficiamento e por uma paisagem que precisa continuar existindo para que esse trabalho também continue.

Cidade Árvore

Economia verde: Biodiversidade se torna motor financeiro da CAPITAL DO ESTADO

Preservação ambiental torna-se diferencial para novos negócios

Enzo Pereira

Campo Grande deixou de ser apenas um ponto de passagem para o interior para se consolidar como destino de experiências autênticas ligadas à natureza. Eleita pelo sétimo ano consecutivo como "Cidade Árvore do Mundo" e sede da COP-15 em 2026, a Capital utiliza sua biodiversidade urbana como um ativo estratégico para atrair investimentos e turistas. A presença de mais

de 400 espécies de aves e fragmentos preservados de Cerrado fundamenta o crescimento da chamada "economia verde" no Estado, que é um modelo de desenvolvimento que busca unir o crescimento financeiro, a preservação da natureza e a justiça social.

Para o setor hoteleiro, a biodiversidade é o motor de uma expansão sem precedentes. O presidente do Sindha-MS e do Sistema Comércio-MS, Juliano

Wertheimer, destaca que a rede hoteleira passa por modernização e aumento no número de leitos para acompanhar a demanda. "Vivemos em uma Capital onde a biodiversidade é destaque. Em qualquer rua se avistam aves e animais silvestres. Isso atrai o turismo de negócios e eventos, fazendo dinheiro novo circular na cidade", afirma Wertheimer.

O presidente acrescenta que é necessário continuar investindo em melhorias de

infraestrutura para conseguir receber cada vez mais visitantes. "Um centro de convenções de grande porte é muito necessário; ele atrai eventos nacionais, fazendo com que mais pessoas venham para a capital, fazendo com que um dinheiro novo circule pela cidade", finaliza Wertheimer.

Fauna na gastronomia

Renilson Abraão, que trabalha na lanchonete Central Lanche, famosa



Fotos: Roberta Martins

Pequenos negócios no entorno do Aquário aquecem com os turistas que visitam o parque

Em qualquer rua se avistam aves e animais silvestres. Isso atrai o turismo de negócios

Juliano Wertheimer, presidente do Sindha-MS



pelo "capistel," relata que o público é extremamente variado por conta do aquário. "Temos recebido muito estrangeiro, gente da Inglaterra, Bolívia e Espanha". Além dos turistas internacionais, o comércio local sobrevive da integração com o lazer cotidiano dos campo-grandenses. "O pessoal que vem correr ou passear

no parque também participa bastante. O público gosta de encostar aqui para tomar uma água de coco e comer um pastelzinho, principalmente quando o dia está bonito assim", explica o trabalhador. Assim, fomenta-se o crescimento econômico da Capital sem deixar de lado a preservação.

Para uma cidade que cresce e transforma sonhos em realidade, o **Insted Centro Universitário** entrega um presente que **transforma futuros:**

EDUCAÇÃO, OPORTUNIDADES E CONHECIMENTO

para continuar construindo uma
Campo Grande cada vez melhor.



Parabéns, Campo Grande!

(67) 3201-5999 | insted.edu.br | @instedoficial Av. Fernando Corrêa da Costa, 845 - Centro . Campo Grande - MS

Economia Verde

Fotos: Arquivo pessoal

Campo Grande descobre valor no que sempre fez parte da PAISAGEM

Aos 127 anos, a Capital vê crescer iniciativas que fazem da riqueza natural uma oportunidade de negócio

Djeneffer Cordoba

Em Campo Grande, basta caminhar algumas quadras para encontrar ipês, sibipirunas, magnólias e outras espécies que fazem da arborização uma das marcas da cidade. Nas mãos da artesã Beatriz Corregaró, porém,

flores, folhas e sementes deixam de compor apenas a paisagem para se tornar biojoias que carregam memórias, identidade e renda.

Aos 127 anos, a Capital assiste ao surgimento de pequenos negócios que enxergam valor justamente naquilo que sempre esteve presente. Em vez

de matéria-prima industrializada, a natureza. No lugar da produção em série, peças únicas. Esse modelo acompanha um movimento global que associa desenvolvimento econômico, responsabilidade ambiental e novas formas de empreender.

Foi quase por acaso que



nasceu a Flor de Luz Biojoias. Fisioterapeuta, Beatriz buscava reencontrar a arte, presente desde a infância por influência da mãe e da avó, e complementar a renda. Comprou um curso on-line, produziu as primeiras peças e decidiu participar de uma feira de economia criativa.

"Todo mundo dizia para eu me inscrever, mas eu achava que não ia dar certo. Eu não tinha tenda, expositor, não tinha nada. Meu pai fez os expositores e fui para a feira. Foi um sucesso. Naquele dia eu ganhei mais do que a fisio-

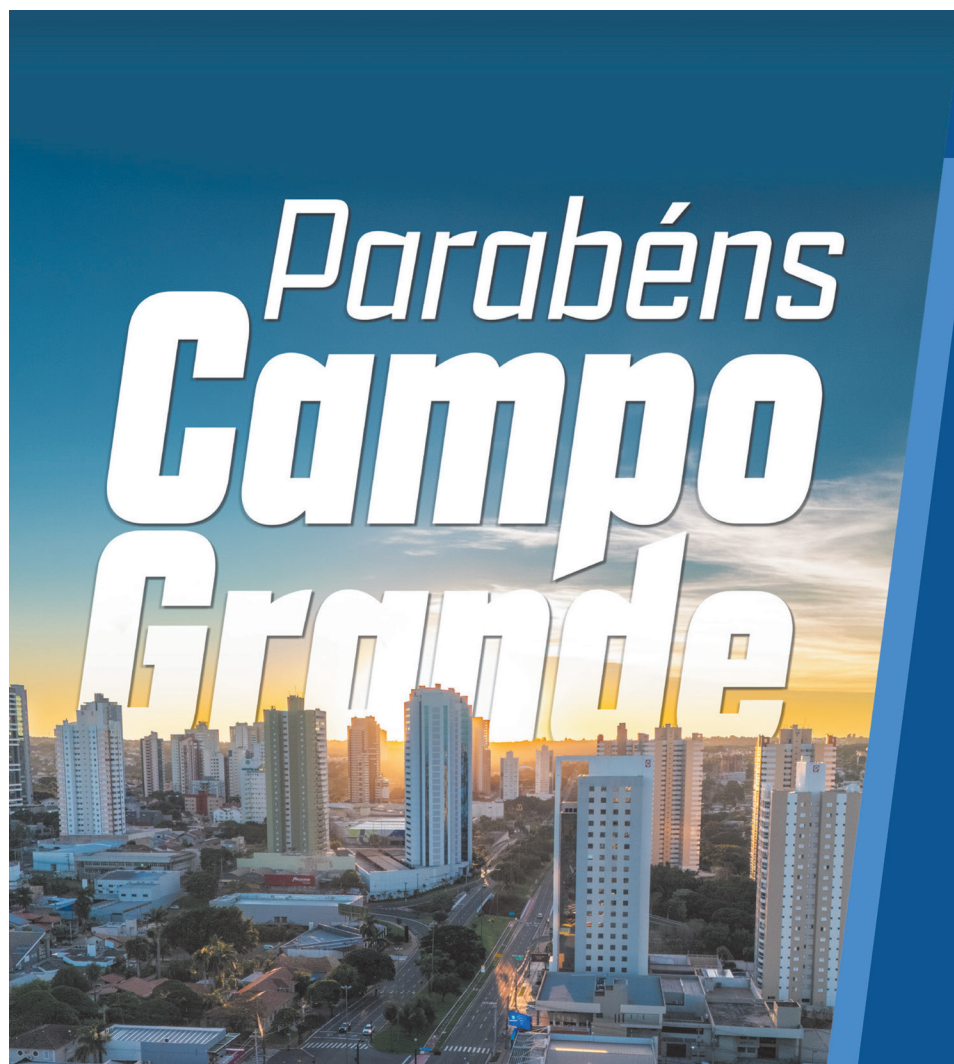


Flores e folhas viram biojoias nas mãos da artesã de Campo Grande, Beatriz Corregaró

terapia já tinha me proporcionado", relembra.

O resultado mudou seus planos. As feiras se multiplicaram, a empresa foi formalizada com apoio do Sebrae e a atividade passou a ocupar cada vez mais espaço na rotina. Até que veio a decisão definitiva.

"Chegou uma hora em que eu não conseguia mais conciliar a fisioterapia com as biojoias. Escolhi as biojoias." O antigo consultório deu lugar ao ateliê, onde hoje ela cria as peças e também recebe clientes interessados em conhecer de perto o processo de produção.



Há 127 anos, Campo Grande cresce com a força do comércio e faz a nossa Capital avançar.

O Sistema Comércio MS tem orgulho de fazer parte dessa história, promovendo o fortalecimento do comércio, com educação profissional, qualidade de vida e desenvolvimento social.

Fecomércio MS · Sesc · Senac
Sistema Comércio

Presente na vida da cidade e nos grandes momentos.

91 anos
de história,
união e cooperação!



COOP-GRANDE

FUNDADA EM 1935

**MERCADO
DO PRODUTOR
36 anos**

Parabéns
Campo Grande
pelos **127 anos**

Av. Calógeras, 616 esq. c/ Rua Liberdade
3342-1830 — 3342-0230

MERCADO DO
Produtor



**COOPERAR
É CRESCER
JUNTOS!**



**FORÇA QUE
VEM DO
COOPERATIVISMO!**



**DO CAMPO
PARA SUA
FAMÍLIA!**



**AQUI TEM
QUALIDADE,
AQUI TEM
CONFIANÇA!**

Vitrine pantaneira

No fim do túnel, a luz é azul: a reviravolta do Bioparque Pantanal como SÍMBOLO DE CAMPO GRANDE

Maior aquário de água doce do mundo saiu de uma situação de descaso para referência do turismo na Capital

Fotos: Roberta Martins

Enzo Pereira

Iniciado em 2011, o projeto do maior aquário de água doce do mundo foi, por muito tempo, desacreditado e abandonado. Até que, em 2022, após 11 anos, o Bioparque Pantanal teve sua inauguração. Desde então, o complexo atingiu a marca de 1,5 milhão de pessoas recebidas, consolidando o local como um polo de ciência, inclusão e lazer. A média de 1,6 mil visitantes por dia impulsiona restaurantes, hotéis e o transporte por aplicativo na região do Parque das Nações Indígenas.

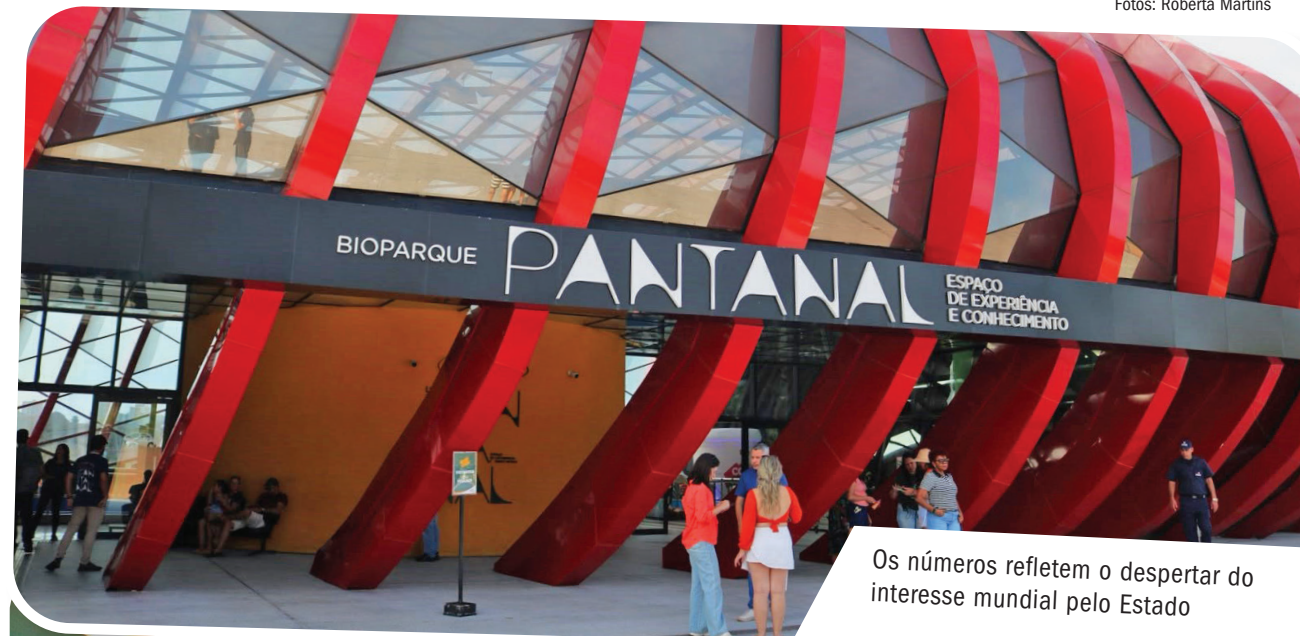
Os números refletem o despertar do interesse mundial pelo Estado. Segundo Maria Fernanda Balestieri, diretora-geral do Bioparque, os resultados confirmam o sucesso da missão do empreendimento. “Os números representam muito mais do que visitantes. Mostram que Mato Grosso do Sul tem um equipamento capaz de despertar o interesse de pessoas do mundo inteiro”, afirmou. A luz azul dos tanques ilumina turistas vindos de mais de 140 países; o local funciona como um cartão de visitas para a cultura regional. “Cada pessoa que passa por aqui leva consigo um pouco da história do nosso Pantanal e da nossa forma de fazer

ciência. Recebemos relatos de visitantes que escolheram Campo Grande exclusivamente para conhecer o Bioparque”, destacou Balestieri.

Além do impacto financeiro, o complexo atua na preservação da biodiversidade com pesquisas de conservação genética e manejo animal. Para a diretora, o espaço cumpre um papel estratégico de valorização do território. “O Bioparque se tornou uma porta de entrada para o Estado. Isso demonstra que estamos cumprindo um papel importante não apenas na conservação, mas também na valorização da nossa identidade”, finalizou a diretora. Balestieri afirma também que o Bioparque valoriza a identidade do Estado. “Recebemos relatos de visitantes que escolheram Campo Grande exclusivamente para conhecer o Bioparque”, finalizou.

Entre 1,5 milhão de visitantes

A insistência no projeto do aquário rendeu frutos importantes não só para o Bioparque, mas também para a cidade, que se consolida como polo de ciência e lazer. O fluxo diário de visitantes atrai turistas como Maria Eduarda Cruz e Guilherme Souza, estudantes de Lavras (MG), que vieram à Ca-



Os números refletem o despertar do interesse mundial pelo Estado



pital para um congresso de ecotoxicologia.

Maria Eduarda relata que a estética do complexo foi o grande chamariz: “O principal motivo de eu querer vir foi esse aquário de teto e essa beleza que é aqui”, afirmou. Para Guilherme, graduando em Biologia, a biodiversidade urbana e os tanques são diferenciais estratégicos. Ao avaliar como a preservação atrai o público, ele destacou: “Encontramos

uma diversidade muito grande de espécies nativas e não nativas que não se vê em outro lugar. É um ponto turístico muito atrativo para quem é da área, principalmente”.

Quem vivencia essa movimentação global diariamente é Mara Regina Nicolette, que trabalha na Casa do Artesão dentro do complexo. Ela destaca a pluralidade do público que circula pelos corredores do maior aquário

de água doce do mundo. “Tive a experiência de ver realmente muita gente de fora, do exterior e de todo o Brasil. Todas as pessoas que vêm visitar Campo Grande gostam de passar por aqui”, afirmou Mara. Segundo ela, a boa convivência com turistas de diversas origens cria um ambiente de trabalho gratificante.

A consolidação do Bioparque como porta de entrada para Mato Grosso

do Sul prova que a biodiversidade é o principal ativo para garantir o crescimento do PIB do setor de serviços e turismo. Ao unir ciência, conservação e lazer, a Capital transforma seu patrimônio natural em diferencial para atrair novos investimentos. A luz azul dos tanques agora ilumina um futuro em que a preservação ambiental e o desenvolvimento econômico caminham lado a lado no Estado.

Território

PLANO DIRETOR

definirá futuro das áreas verdes de Campo Grande

Revisão das regras urbanas ocorre em meio ao desafio de conciliar expansão e biodiversidade

Danielly Carvalho e Lucas Artur

Campo Grande chega aos 127 anos com um desafio que vai além da expansão urbana: definir como crescer sem comprometer espaços verdes, recursos naturais e biodiversidade. A atualização do Plano Diretor pode colocar em debate regras para ocupação do território, infraestrutura e preservação ambiental.

Segundo Dayane Zanela,

gerente de Arborização de Campo Grande, a Lei Complementar nº 184, de 2011, está sendo reavaliada pela Prefeitura e pelo Conselho Municipal de Meio Ambiente. A proposta é transformá-la em uma Política de Arborização Urbana, com conceitos modernos e critérios científicos atualizados.

Entre as medidas estão ampliar a cobertura arbórea entre os bairros, aumentar o uso de espé-

cies nativas do Cerrado e expandir as miniflorestas urbanas. Três já foram implantadas. No ano passado, mais de 9 mil mudas foram plantadas, e a meta é superar esse número.

Segundo o presidente da Câmara e vereador Epaminondas Neto, o Papy (PSDB), o processo para uma nova atualização precisa começar com antecedência. As discussões tiveram início em 2017 e

o texto foi homologado em 2019. Pela regra, uma nova atualização seria consolidada em 2029, mas o vereador defende que os trabalhos sejam antecipados.

“Eu entendo que a gente poderia começar a trabalhar algumas diretrizes para, no ano que vem, a gente já ter a lei”, afirmou Papy ao jornal *O Estado*. Para ele, a cidade mudou e o novo texto precisa acompanhar essas

transformações.

“Nós temos uma mudança climática severa e não temos controle de enchentes. Temos também uma questão de drenagem muito pífia em relação ao que nós precisamos. Isso tudo se discute no Plano Diretor”, disse. Ele afirma que a Casa de Leis depende do envio da proposta pelo Executivo e que o processo deverá incluir audiências públicas, conforme estabe-

lece o Estatuto da Cidade.

Dayane destaca que a arborização ajuda na adaptação às mudanças climáticas, reduzindo ilhas de calor, melhorando o microclima e contribuindo para a drenagem. A escolha das espécies também impacta a fauna, já que o planejamento deve considerar árvores importantes para alimentação e construção de ninhos e priorizar espécies nativas.

TÍTULO DE CAPITALIZAÇÃO

MS CAP

CAMPO GRANDE E REGIÃO

FILANTROPIA PREMIÁVEL

TÍTULO EMITIDO PELA: CAPEMISA CAPITALIZAÇÃO

INSTITUIÇÃO BENEFICIÁRIA: ha hospital de amor campo grande

PRÊMIOS TODA SEMANA DE

R\$ **150.000,00** A

CENTO E CINQUENTA MIL REAIS

R\$ **500.000,00**

MEIO MILHÃO DE REAIS

EXCLUSIVO PARA CAMPO GRANDE E REGIÃO

NOSSO FUTURO SE CONSTRÓI COM TRABALHO, UNIÃO, ESPERANÇA E AMOR.

PARABÉNS, CAMPO GRANDE! 127 ANOS!

f /mscaperegiao @mscaperegiao @mscaperegiao

Patrimônio cultural



O Barbatimão, a Espinheira Santa e a Guiné são as plantas medicinais que a natureza dá

Saberes que PERMANECEM

Conhecimentos dos povos originários sobre plantas medicinais, alimentação e cuidados com a saúde seguem vivos em nossa história

Amanda Ferreira e
Carolina Rampi

Os saberes tradicionais dos povos indígenas seguem presentes no cotidiano dos brasileiros e fazem parte da identidade cultural de Campo Grande. O conhecimento sobre o uso medicinal e alimentar das plantas da flora regional foi transmitido entre gerações e influenciou costumes, a culinária, a língua, o folclore e até práticas de cuidado com a saúde.

No aniversário da Capital, esses conhecimentos ganharam destaque como parte do patrimônio cultural que ajudou a formar a história e a identidade sul-mato-grossense.

Conhecimento de gerações

Integrante da etnia Terena e moradora da Aldeia Água Branca, a farmacêutica formada pela UFMS, Rosiany Estevão, atuante

na saúde indígena, afirma que sempre buscou direcionar sua profissão para o atendimento às comunidades indígenas.

Entre as plantas que marcaram sua trajetória, ela destaca a folha de guiné, folha de feijão-andu e barbatimão, sendo este o mais especial. Lembrando da experiência vivida pela avó, que utilizou a raiz da planta para tratar uma infecção em um dos dedos causada por um ferimento. Segundo Rosiany, após o uso contínuo do preparo tradicional, a lesão cicatrizou.

Na tradição Terena, Rosiany destaca o uso do barbatimão, do feijão-andu e da guiné em tratamentos naturais transmitidos entre gerações. "A raiz do barbatimão é usada para machucados e feridas. A gente ferve a raiz até a água ficar avermelhada, espera amornar e aplica com um pano sobre o ferimento,

porque ela atua como anti-inflamatório", explica.

Para aliviar a tosse, ela conta que são utilizadas as folhas novas do feijão-andu em forma de chá, enquanto as folhas da guiné são colocadas sobre a cabeça para amenizar dores intensas. "Os mais velhos também plantavam guiné na frente das casas para afastar o mau-olhado e proteger a família", completa.

Tradição e cultura

A biomédica e doutoranda da UFMS, Maricelma Fialho, indígena do povo Terena, destaca que o conhecimento sobre as plantas medicinais acompanha sua trajetória desde a infância e permanece vivo no cotidiano de sua família.

Integrante do coletivo Inamatí Xâne Terenoe e embaixadora do One Young World, ela explica que espécies como a embaúba e a espinheira-santa fazem

parte dos cuidados tradicionais com a saúde, em práticas que unem saberes ancestrais e despertaram, inclusive, seu interesse pela pesquisa científica.

"A embaúba marcou a minha infância, porque eu tinha muitas gripes e minha família sempre preparava o chá para aliviar os sintomas. Já a espinheira-santa, que chamamos de cancorosa, é usada no lugar da água do tereré por familiares diabéticos. Na nossa família, o preparo é feito principalmente em forma de chá, além de banhos e garrafadas, sempre seguindo os ensinamentos dos mais velhos, que orientam o tempo certo de colher e preparar cada planta", conta.

Na alimentação, o cultivo de alimentos tradicionais também ocupa um papel central na preservação da cultura e da autonomia das famílias.

Arquivo Pessoal



A farmacêutica Rosiany Estevão é integrante da etnia Terena e atua na saúde indígena da sua comunidade

Para Maricelma, produtos como mandioca, milho, batata-doce, abobrinha, alface e couve são cultivados nas hortas e roças da comunidade e representam não apenas a base da alimentação, mas também a continuidade dos conhecimentos transmitidos entre gerações.

"Aprendi a reconhecer e usar as plantas com a minha avó e minha mãe.

Desde criança acompanhava o preparo dos chás e os ensinamentos sobre cada espécie. Hoje esse conhecimento ainda é transmitido, mas precisa ser valorizado para não se perder. A embaúba tem um significado especial para mim, pois despertou meu interesse pela pesquisa e mostrou que o saber tradicional pode dialogar com a ciência", finaliza.

Protagonismo

Assessoria

REINALDO

defende união de forças para Campo Grande voltar a crescer

Presidente estadual do PL afirma que Capital precisa olhar para frente e reúne partido em torno de uma agenda de desenvolvimento, investimentos e geração de oportunidades

Sede dos Poderes, endereço de cerca de 30% da população de Mato Grosso do Sul e centro de uma importante força econômica e produtiva do Estado, Campo Grande precisa recuperar seu protagonismo, voltar a crescer e se preparar para um novo ciclo de desenvolvimento.

A avaliação é do ex-governador e presidente estadual do PL, Reinaldo Azambuja, que, no mês de aniversário da Capital, reforça seu compromisso com a cidade e destaca que o PL de Mato Grosso do Sul também assume como prioridade contribuir com projetos e recursos para Campo Grande.

“Campo Grande precisa olhar para frente. Nossa Capital concentra quase um terço da população do

Estado, é sede das principais decisões políticas e administrativas e possui uma enorme força econômica. Quando Campo Grande cresce, Mato Grosso do Sul cresce junto. Por isso, precisamos somar forças e colocar os interesses da cidade acima das diferenças”, afirma Reinaldo.

Nascido em Campo Grande, Reinaldo destaca que sua relação com a Capital não se resume ao discurso. Durante os oito anos em que governou Mato Grosso do Sul, a cidade recebeu investimentos importantes em saúde, educação, infraestrutura, habitação, lazer e desenvolvimento econômico.

Na saúde, estão entre as ações o Hospital do

Trauma, investimentos no Hospital de Câncer e o fortalecimento do Hospital Regional, que se tornou uma referência fundamental para Mato Grosso do Sul, especialmente durante a pandemia.

Na educação, Campo Grande recebeu o curso de Medicina da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), ampliando a formação de profissionais e fortalecendo o ensino superior público na Capital.

Na infraestrutura, Reinaldo destaca obras como a Avenida dos Cafezais e as parcerias que levaram pavimentação e melhorias para bairros da cidade, incluindo regiões populosas como Aero Rancho e Nova Lima.

Também foram reali-

zados investimentos em habitação, com milhares de moradias, além das intervenções no Parque dos Poderes, Parque das Nações Indígenas e ações para fortalecer a infraestrutura e o desenvolvimento do Núcleo Industrial.

PL e uma agenda para o futuro

Para Reinaldo, mais importante do que lembrar as realizações é construir uma agenda capaz de responder aos novos desafios de Campo Grande. Como presidente estadual do PL, ele afirma que o partido estará comprometido com a Capital e com a construção de soluções para os principais problemas da cidade.

“Tenho orgulho do que fizemos, mas Campo

Grande não pode viver olhando pelo retrovisor. Precisamos olhar para frente. A cidade precisa de investimentos, infraestrutura, saúde, habitação, novos empreendimentos e, principalmente, oportunidades e empregos para a nossa gente.”

Entre os compromissos defendidos por Reinaldo está uma grande parceria para avançar na pavimentação dos bairros e melhorar a infraestrutura urbana, além da busca de recursos para saúde, habitação, mobilidade e desenvolvimento econômico.

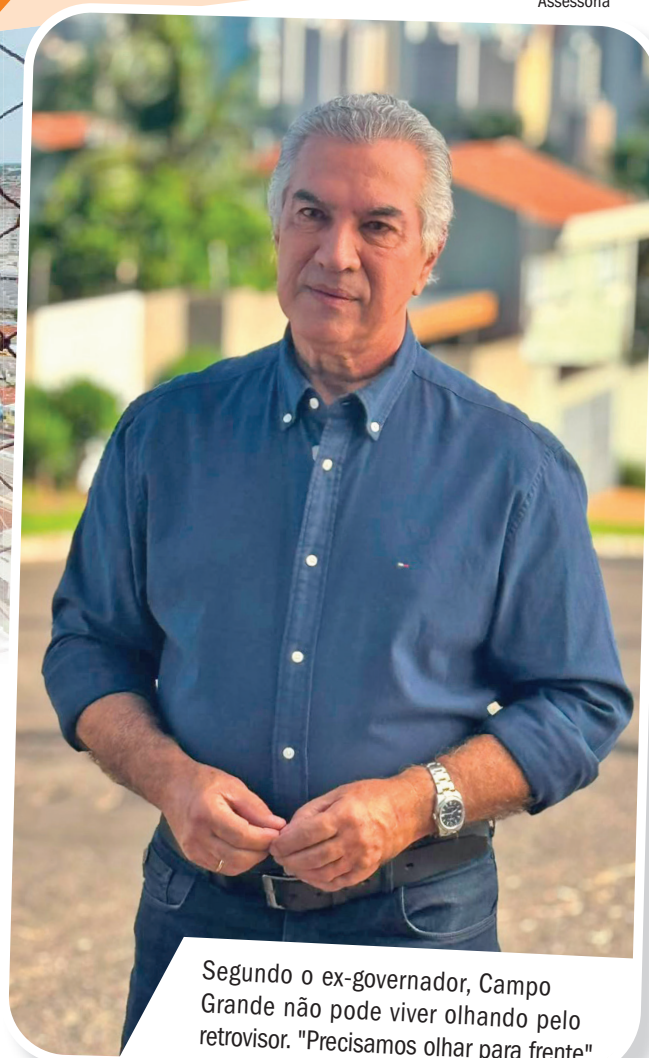
Reinaldo afirma que pretende mobilizar também a bancada e as lideranças do PL para apoiar projetos importantes para Campo Grande.

“O PL tem compromisso

com Campo Grande. Como presidente estadual do partido, quero trabalhar para unir nossa bancada e nossas lideranças em torno dos projetos que a Capital precisa. Campo Grande pode contar com o nosso partido.”

Segundo ele, o tamanho e a importância da Capital exigem uma atuação que vá além das diferenças partidárias.

“Não importa quem é prefeito, governador, deputado ou senador. Quando o assunto é Campo Grande, precisamos estar todos do mesmo lado. A cidade precisa de união, projetos e trabalho. Quero ajudar a construir esse novo ciclo de crescimento. Minha voz será a voz de Campo Grande no Senado”, conclui Reinaldo.



Segundo o ex-governador, Campo Grande não pode viver olhando pelo retrovisor. “Precisamos olhar para frente”

Artes plásticas

No aniversário de Campo Grande, artistas encontram na biodiversidade da Capital inspiração para criar obras que também despertam o cuidado com o meio ambiente

Quando a natureza VIRA ARTE

Carolina Rampi

“Impossível não ser tocado pela exuberância do conjunto que envolve a natureza em Campo Grande”. Essas são as palavras do artista visual Apres Gomes Neto, que se dedica a retratar, por meio da pintura, as belezas da biodiversidade de Campo Grande, que este ano comemora seus 127 anos.

“Sou tocado pelos ipês, tanto que tenho uma série chamada ‘Ipês de Maio’. Considero essa árvore um símbolo forte que, quando menos esperamos, aparece deslumbrando nosso olhar. Junto dela vêm as araras, tucanos, antas e outros pequenos animais que, às vezes, passam despercebidos, mas acabam refletindo nas nossas obras”, afirma.

Apres diz que Campo Grande é uma união entre espaço urbano e plantas nativas, que desaguam nas suas obras. Ele, inclusive, é autor da pintura ‘Praça das Águas’ (2016), realizada em público, na própria praça que dá nome à obra, em frente ao Shopping Campo Grande, no movimento cultural da Confraria Sociartistas.

Ele afirma ainda que a arte é um meio importante de aproximar as pessoas da natureza, despertando assim um olhar mais atento para a preservação ambiental.

“Isso é mais uma consequência das dimensões em arte: refletir sobre o que vê, principalmente o plantar, cuidar e preservar. Às vezes as pessoas se veem dentro da obra, se imaginam desfrutando daquele espaço, sendo comum se identificarem e se emocionarem com a pintura. A arte tem o poder de situar, transportar, lembrar lugares”.

Natureza moldada

É no detalhe que a artesã, ceramista, médica veterinária e proprietária da marca Aflora, Jéssica Amaral, realiza suas peças, em que natureza e arte se encontram em cada pedacinho, nos porta-objetos, peças decorativas e canecas que carregam toda a

beleza da fauna e flora.

Em entrevista ao jornal *O Estado*, Jéssica conta que a flora e fauna de Campo Grande têm grande influência em seu processo criativo, pois, desde a infância, possui admiração pelos animais e plantas.

“Apesar de não serem exclusivos da nossa região, tive inúmeros momentos marcantes na presença de araras, capivaras e tucanos, especialmente. Acho incrível poder conviver com eles tão de perto. Eu sou médica veterinária e também tive contato com alguns desses seres durante minha formação. Aqui em Campo Grande, em específico, destaco o Parque das Nações, que tem grande parte de toda essa fauna e flora tão inspiradoras”.

O forte de seu trabalho é a cerâmica, que exige um olhar atento para as formas, texturas e detalhes. Ela explica que, ao trabalhar com a natureza, é preciso primeiramente ter um olhar atento a ela.

“Quando queremos modelar ou representar algo, precisamos primeiro aprender a observar. E isso torna todo o processo ainda mais especial, pois captar todos os detalhes é, de fato, enxergá-los e admirá-los como consequência”.

Para Jéssica, a arte também tem um papel importante na conscientização sobre a preservação ambiental. “Precisamos preservar para poder continuar observando e, consequentemente, criando. Também acredito que buscar esse contato, seja por meio da arte de criar ou apenas de consumir arte, ajuda as pessoas a entenderem a importância de cada ser em nosso mundo”, afirma.

Diante das transformações provocadas pela urbanização, ela defende que retratar a natureza campo-grandense é uma forma de incentivar o cuidado com o patrimônio natural. “Se a minha arte contribuir, ao menos um pouco, para que as pessoas olhem mais e se preocupem mais com nossas belezas naturais, minha missão com ela será atendida”, conclui.



O artista visual Apres Gomes Neto se inspira nos ipês, árvore símbolo da Capital



A artesã, ceramista e veterinária Jéssica Amaral posa com suas peças



Arquivo pessoal



SINDICATO DOS EMPREGADOS NO COMÉRCIO DE CAMPO GRANDE - MS

*Campo Grande, 127 anos:
a cidade que sempre se levanta*

Neste 26 de agosto, a Cidade Morena completa **127 anos**. E o Sindicato dos Empregados no **Comércio de Campo Grande (SECCG)** celebra a data com um sentimento que define a alma desta terra: a esperança. Parabenizamos Campo Grande e, acima de tudo, os seus filhos, os trabalhadores que constroem a cidade com suor, fé e coragem.

Sabemos que vivemos um momento difícil. O mercado está aprensivo, os investimentos se retraem e muitas famílias enfrentam a incerteza do desemprego. Mas Campo Grande tem uma história que não se apaga: a história de uma cidade que, diante de cada desafio, sempre encontrou forças para se reerguer. É essa a nossa marca, e é essa a nossa fé.

A palavra nos ensina que o choro pode durar uma noite, mas a alegria vem no amanhecer. E nós acreditamos que o amanhecer está próximo. Gostamos de lembrar da história de José no Egito, escolhido para tirar um povo da fome: nós também vivemos um tempo de provação, mas acreditamos que logo começaremos a colher os frutos. Frutos de um novo tempo, com bons administradores, pessoas verdadeiramente comprometidas com o bem-estar da população e com o futuro da nossa cidade.

Que este aniversário de 127 anos seja o marco de uma virada. Que as vendas de final de ano tragam a luz de esperança de que tanto precisamos, com mais recursos circulando, mais emprego, mais renda e mais oportunidades para as nossas famílias. Que as famílias campo-grandenses sejam melhor assistidas e protegidas, com mais segurança e qualidade de vida.

E que em breve possamos celebrar a chegada de 1 milhão de habitantes na melhor cidade do Brasil, com trabalho, dignidade e futuro para todos.

Parabéns, Campo Grande. Que os próximos anos sejam de portas abertas, de esperança renovada e de dias melhores para cada filho desta terra.

Parabéns Campo Grande!



Patrimônio vivo

Fotos: Roberta Martins

Eles lutam para que o Cerrado permaneça dentro da Capital:

O ESFORÇO INVISÍVEL DE QUEM AINDA PLANTA

Dois cientistas de ramos diferentes são mais parecidos do que imaginam: eles se recusam a deixar o bioma cair no esquecimento

Maria Gabriela Arcanjo

Quando se fala em patrimônio, muitos pensam em prédios históricos ou monumentos. Mas um dos maiores tesouros de Campo Grande continua brotando do chão. O Cerrado, considerado a savana mais rica e biodiversa do planeta, faz parte da cultura e da memória da Capital.

Campo Grande é um dos 62 municípios de Mato Grosso do Sul, do total de 79, que estão cobertos pelo Cerrado. Neste ano, o Estado registrou a primeira queda no desmatamento do bioma desde 2022. Um marco para quem acredita no poder da plantação como construção de memória.

Há anos, cientistas, organizações, universidades, empresas e outras entidades lutam para replantar áreas perdidas e, como igualmente importante, levar ao campo-grandense o empoderamento do próprio bioma que o cerca.

É o caso da bióloga Luciana Zequim, que atua como gerente de projetos em uma empresa que atua na recuperação de áreas degradadas e na restauração ecológica do Cerrado e do Pantanal.

A empresa trabalha junto ao Instituto Taquari Vivo, que gerencia a rede de sementes Flor do Cerrado,

uma organização de coletores de sementes nativas do Cerrado e do Pantanal formada por comunidades tradicionais e assentamentos rurais. “A nossa casa produz as sementes, entrega para os viveiros, para que eles possam produzir mudas e fazer essas atividades de plantio dentro e fora da cidade”, explica.



A bióloga e gerente de projetos, Luciana Zequim, destaca a importância das espécies nativas na arborização e na preservação da biodiversidade

O professor e engenheiro agrônomo Danilson de Oliveira pesquisa a guavira e resalta a importância do fruto para a cultura e o pertencimento



dade elas têm de barrar o vento e assim também as partículas de poeira”.

Para a gerente de projetos, é importante que vegetações nativas continuem sendo escolhidas na hora de plantar uma muda. “A gente tem uma linha que vai para o paisagismo e acaba escolhendo espécies pequeninhas, espécies exóticas, e aí a gente tenta ir ao con-

trário disso, a gente tenta colocar espécies arbóreas nativas de grande porte para que elas de fato tenham esse poder de trazer todas as funções ecológicas para a nossa cidade”.

Além dos ipês, o Cerrado oferece frutos como baru e jatobá, espécies nativas que também fazem parte da alimentação e da cultura regional. Para Luciana, plantar espécies nativas também é uma forma de preservar a identidade da cidade. Ao substituir árvores do Cerrado por espécies exóticas, Campo Grande perde parte da própria história e da biodiversidade. “A gente precisa manter as espécies nativas para manter a nossa história, a nossa biodiversidade, que é única”.

A cientista explica que a arborização que faz de Campo Grande uma das cidades mais verdes do país passa, necessariamente, pelas espécies nativas. “Quanto mais arborizada, mais verde, menos calor. Então, a nossa sensação térmica melhora, o nosso bem-estar melhora”.

A presença dessas árvores também sustenta a fauna urbana. “Os papagaios consomem muito as flores do ipê. Os beija-flores também. A gama de aves é bem grande”, explica.

Para a especialista,



Entre sementes e mudas, espécies nativas preservam a biodiversidade e a identidade de Campo Grande



Campo Grande vive hoje um desafio entre o crescimento urbano e a conservação da vegetação nativa.

Se as árvores mantêm o Cerrado de pé, seus frutos preservam a memória de quem vive nele. É essa relação que move as pesquisas do professor Doutor Danilson de Oliveira Guilherme, engenheiro agrônomo, na UCDB (Universidade Católica Dom Bosco) e especialista em guavira, fruto símbolo do Estado.

Para o pesquisador, a importância da guavira vai além do valor ambiental ou econômico. Ela representa um sentimento de pertencimento dos moradores de Campo Grande e de Mato Grosso do Sul.

“A guavira fala muito com a identidade, com a origem do sul-mato-grossense e do campo-grandense. Ela mexe muito com essa questão do pertencimento”, afirma.

Em uma pesquisa sobre o comportamento dos consumidores, o professor identificou que a guavira

está diretamente ligada às lembranças da infância. Mas, apesar de ser o fruto símbolo do Estado, o pesquisador acredita que a população ainda precisa se apropriar mais da guavira como parte da identidade regional.

“Quando fala quem é o sul-mato-grossense, tem que ver um fruto de guavira junto, porque isso conta a história, isso é nosso”.

Segundo Denilson, um dos maiores desafios hoje é conhecer a dimensão dos remanescentes de guavira existentes em Mato Grosso do Sul para garantir sua conservação.

“A gente não sabe quantificar o que nós temos de guavira no Estado”.

No fim, entre avenidas, praças e bairros inteiros, o Cerrado continua vivo. Está na sombra das árvores, no canto das aves, nas flores que anunciam a seca e nos frutos que atravessam gerações. Em uma capital que nasceu cercada pelo bioma, preservar a identidade é cuidar da própria história.

Empregabilidade

O “PRESIDENTE DO EMPREGO” em Campo Grande é das Moreninhas

Danilo Galvão

Poucos momentos da história de Campo Grande foram tão oportunos para o progresso como é agora. Um município que se prepara para um salto de desenvolvimento, de adaptação a uma nova estrutura e ainda recalcula qual tipo de lugar deseja ser no futuro. No que depender da Funsat (Fundação Social do Trabalho), o município deve se estabelecer como o hub de contratações e cursos gratuitos de alta qualidade.

Uma figura, entre várias, simboliza bem essa transformação: o gestor público João Henrique Lima Bezerra. Filho de uma professora e de um líder comunitário, que se transformou em nome de praça nas Moreninhas. João é a nova face de uma região que também vive uma perspectiva inédita. Um político cujo pai taxista teria muito orgulho de ver a sua ascensão nas Moreninhas.

O local, esquecido por anos pela política, em dezembro do ano passado, ganhou o Polo Moreninhas Funsat, a segunda unidade da Fundação, com sala de aula, balcão de empregos e até anúncios exclusivos da região, no ousado projeto, idealizado por João Henrique, intitulado "Perto de Casa Funsat". Iniciativa que visa conectar trabalhadores a oportunidades mais próximas de suas residências.

"Somos a ponte de pessoas a vagas de emprego, só que não é apenas uma carteira assinada que o candidato deseja. As pes-

João Henrique Bezerra ressignifica o atendimento da Funsat com mais acesso a trabalhadores e incentivo à Educação Profissionalizante



Assessoria

Segundo João, a Funsat funciona como uma ponte entre trabalhadores e oportunidades de emprego

soas têm sonhos, buscam objetivos, e cabe a nós incentivar esse valor à excelência. Aquilo que fazemos hoje, determina o que seremos amanhã", conta João, hoje Diretor-Presidente, destaque da gestão Adriane Lopes na Prefeitura.

Legado que continua

João Henrique, o filho do "Seu Espetinho", determinou, como poucos, uma linha do tempo rápida em transições na sua última década. Isso, graças à muita dedicação, de um campo-grandense da periferia, que escolheu ser um "transformador social".

"Cargo é uma circunstância, e só vale se a gente

servir bem as pessoas! A prefeita Adriane nos cobra muito sobre isso. Para nós, o maior de todos indicadores é o de ver o trabalhador, ou a trabalhadora, feliz, com encaminhamento de trabalho e certificação profissional acessível", fala João. O propósito de colaboração não é muito diferente do que tornou o seu pai uma liderança, porém, o desafio do Diretor-Presidente da Funsat é bem maior. Se, por um lado, há vagas disponíveis todos os dias, boa parte delas sem exigir experiência para a contratação, outro ângulo desta realidade exige atenção e estratégia.

A "Capital das Oportunidades", que irá ampliar



sensivelmente os horizontes com a Rota Bioceânica, tem sido agora a "Cidade do Turnover", termo que define rotatividade de mão de obra. Ajuste de desenvolvimento, que só se resolve por um caminho, segundo João Henrique.

"Na jornada, até hoje estar à frente da Funsat, aprendi muito. Passei pelo atendimento na agência, a secretária da Escola Funsat, a coordenação do CRAS Moreninhas e o período de aprendizado como adjunto. E, em todas essas atividades, sempre vi a necessidade de intensificarmos a oferta e o acesso de Educação Profissional. Campo Grande cresce, só que a oportunidade está disponível, de verdade, a quem se capacita", avisa o titular da Fundação.

Em 2026, quando completa 127 anos, Campo Grande celebra sua pujança, a vocação empreendedora e o espelho que pessoas como João Henrique representam nessa construção de futuro. Um amanhã em que as Moreninhas, ou qualquer canto da cidade, movimentem esperança, emprego e qualidade de vida aos moradores.

A maior cidade do Mato Grosso do Sul possui a quarta menor taxa de desemprego, patamar sustentado há mais de 18 meses. Um município, onde o Emprega CG sonhado por João Henrique e sua equipe, promoveu já, entre 2024 e agosto de 2026, a solidária média de uma ação itinerante, ou temática, de recrutamento, a cada 60 horas. Menos burocracia, mais condições para o trabalhador buscar o seu caminho.

Controle ambiental

Qualidade da água melhora e 81% dos córregos de CAMPO GRANDE TÊM ÍNDICE POSITIVO

Biel Gill

A qualidade dos córregos de Campo Grande melhorou, segundo os resultados do programa Córrego Limpo. Hoje, 81% dos pontos monitorados estão nas faixas positivas do IQA (Índice de Qualidade da Água), enquanto os classificados como ruins ou péssimos representam menos de 10%. Criado em 2009 e reformulado em 2012, o programa acompanha 83 pontos em nove bacias e 21 córregos da Capital.

O monitoramento é trimestral e considera parâmetros físico-químicos. O IQA reúne nove deles e classifica a água de péssima a ótima. Os dados também servem de subsídio para ações do poder público. “O IQA procura selecionar nove parâmetros principais e fazer o cálculo de um índice de maneira que a população consiga interpretar aquela água”, explica Fernando Garayo, gerente de Meio Ambiente da Águas Guarirôba.

Além das análises, o Córrego Limpo fiscaliza ligações clandestinas e verifica imóveis que ainda não se conectaram à rede coletora. A proposta é reduzir as fontes de poluição do solo e do lençol freático.

“Por lei, quando passa a rede de esgoto na residência, o proprietário da casa é obrigado a conectar e desativar a fossa. Desativar aquela fonte de poluição do solo e do lençol freático e se conectar à rede de esgoto”, afirma Garayo.

O programa é uma parceria entre a Águas Guarirôba e a Prefeitura de

Programa Córrego Limpo monitora 83 pontos em nove microbacias e relaciona avanço do saneamento à redução da poluição dos mananciais

Roberta Martins



Placa no Parque das Nações Indígenas destaca a melhora nos índices de qualidade da água

Saneamento reduz carga poluidora

Para o gerente, a expansão da rede de esgoto é o principal fator relacionado à melhora da qualidade da água. Em 2003, Campo Grande tinha menos de 30% de cobertura. Atualmente, segundo ele, o índice chega a 94%.

Com a conexão dos imóveis à rede, o esgoto deixa de ser destinado às fossas, reduzindo a infiltração de poluentes no solo e no lençol

freático. “Você tira essa carga poluidora e consegue melhorar a qualidade da água de Campo Grande. Ainda tem muito a se fazer, mas a tendência é uma melhora da qualidade da água dos córregos”, afirma.

O resultado também depende da forma como os imóveis fazem suas ligações. A água da chuva deve seguir para a rede pluvial, enquanto o esgoto precisa ser

encaminhado para a rede coletora. Quando ocorre a inversão, os impactos chegam aos córregos. “Se eu coloco água de chuva na rede de esgoto, tenho problema com entupimento, com problemas de extravasamento. E se eu coloco o esgoto na rede de água pluvial, é pior ainda, porque a água pluvial vai direto para o córrego”, explica.

O Córrego Limpo

também fornece dados que podem subsidiar políticas públicas do município. Quando o monitoramento identifica algum problema, as informações são encaminhadas às equipes responsáveis pela fiscalização ambiental. O monitoramento acompanha a evolução dos córregos e ajuda a identificar situações que exigem intervenção.

Vida saudável



Divulgação

Capital apresenta cenários naturais para corridas e pedaladas

Um cinturão verde para CORRER E PEDALAR

Ricardo Prado

Entre árvores, trilhas, ciclovias e vias cercadas pelo verde, parques e áreas ambientais de Campo Grande se consolidam como espaços para quem busca saúde, lazer e prática esportiva. Mais do que locais de treino, esses ambientes aproximam a população da natureza e ajudam a transformar a atividade física em hábito.

A Capital reúne opções como Parque dos Poderes, Parque das Nações Indígenas, Parque Ayrton Senna, Parque do Soter, Orla Morena e Orla do Aeroporto. Todos recebem diariamente corredores, ciclistas e moradores que encontraram no esporte uma forma de melhorar a qualidade de vida.

O ciclista Gilvan Pereira da Silva, de 43 anos, é um exemplo dessa transformação. Auxiliar administrativo, começou a pedalar em 2020 como hobby e, no ano seguinte, disputou sua primeira competição. Hoje é bicampeão estadual na categoria PcD (Pessoa com Deficiência), integra a equipe MTR Bike

Team e vê no ciclismo uma ferramenta de superação.

Ele perdeu a perna direita após acidente de moto, em 2010. A dificuldade para pedalar com prótese adaptou a prática à sua realidade. “As limitações não estão no corpo, estão na nossa cabeça. Se você persistir e falar: ‘Eu vou tentar fazer’, vai lá e tenta”, afirma.

Além das conquistas esportivas, destacam-se os ganhos para a saúde. Reduziu o peso de quase 90 para 76 quilos, passou a usar a bicicleta como meio de transporte e faz treinos frequentes no Parque das Nações Indígenas e no Parque Ayrton Senna. “Hoje vejo que o ciclismo melhorou muito a minha vida. A bike, para mim, hoje é tudo. Estou sempre me desafiando”, resume.

‘Cidade privilegiada’

Gilvan considera que os parques oferecem boas condições para o ciclismo, principalmente pelas ciclovias, mas defende a ampliação de espaços exclusivos para bicicletas, especialmente para atletas de alto rendimento.

A avaliação é compartilhada pelo administrador José Henrique Marcon, de 39 anos, que pedala há cerca de seis anos. Para ele, Campo Grande é privilegiada pela quantidade de áreas destinadas à prática esportiva, que permitem treinos com mais segurança e menos exposição ao trânsito.

Além do Parque dos Poderes, ele cita regiões como Bonfim, Terenos, Três Barras, Santa Maria e áreas próximas às saídas para Rochedinho e Rochedo como trajetos utilizados pelos ciclistas. Também acredita que espaços como o Parque das Nações Indígenas podem receber novos investimentos. “O importante é começar. Pega a bicicletinha que você já tem, a mais simples mesmo, e começa”, aconselha.

A corrida também encontrou nos parques um ambiente favorável. O administrador Paulo César Taveira, de 34 anos, iniciou a prática há três anos após enfrentar um período de ansiedade relacionado ao trabalho. Primeiro, passou a caminhar aos domingos no Parque dos Poderes e, aos poucos, transformou

o hábito em rotina de corridas.

Hoje treina também na Orla do Aeroporto, Orla Morena, Parque do Soter e em avenidas com estrutura para atividades físicas. “Correr nesse ambiente, ver uma arara passando, perceber que Campo Grande ainda preserva parte da sua fauna, é muito bom”, relata.

Investir em área verde é saúde

Na avaliação dos praticantes, os parques representam mais do que espaços esportivos: são investimentos em saúde e qualidade de vida. Paulo César acredita que políticas públicas voltadas à manutenção das áreas verdes e ao incentivo da atividade física podem reduzir custos com saúde e melhorar o bem-estar da população.

Com bicicletas a ocuparem ciclovias e corredores a utilizarem caminhos cercados pela natureza, os parques de Campo Grande reforçam a relação entre esporte, preservação ambiental e qualidade de vida, tornando-se espaços de convivência, superação e promoção de uma cidade mais saudável.

Imaginário popular

Nos 127 anos da Capital, histórias sobre o Minhocão, o Tatu e os Ipês revelam como a natureza do Cerrado preserva memórias, saberes indígenas e tradições que atravessam gerações

Amanda Ferreira

No aniversário de Campo Grande, as histórias do Cerrado revelam uma conexão que vai além da paisagem natural e alcança a memória cultural da população. Entre plantas, animais e elementos da fauna e flora regional, o bioma inspira narrativas que atravessam gerações e ajudam a preservar o imaginário popular sul-mato-grossense. As lendas dos seres que habitam rios e matas fazem parte da identidade de um povo que aprendeu a transformar a natureza em histórias.

O Minhocão

Entre essas narrativas está a lenda do Minhocão, um dos contos mais conhecidos do folclore do Cerrado. Segundo a presidente da Comissão Sul-Mato-Grossense de Folclore, Cristiane Aparecida de Luca Lima, a criatura é descrita como uma espécie de serpente gigante, semelhante à Boiúna do folclore amazônico. Com corpo longo, cabeça grande e aparência escura, o Minhocão viveria nas barrancas dos rios, deixando marcas pelo caminho devido ao seu tamanho.

“A lenda conta que, quando fica zangado e faminto, o Minhocão se movimenta pelas águas de forma assustadora, capaz de derrubar embarcações, afundar canoas e assustar

pescadores. Algumas histórias relatam que a criatura produz um grande ruído antes de aparecer e que o encontro com o bicho pode ser uma experiência tão marcante que algumas pessoas não conseguem superar o medo. Mais do que uma história de terror, a lenda representa a forma como o povo criou maneiras de explicar e respeitar os mistérios da natureza”, afirma.

O Tatu, símbolo indígena

Entre as narrativas do Cerrado, os animais também carregam significados que vão além da presença na natureza e fazem parte da memória cultural dos povos indígenas. O tatu, por exemplo, é visto como um símbolo de fartura e um sinal de conexão entre os seres humanos e o ambiente ao redor.

Para o pesquisador indígena Aronaldo Julio Terena, sua presença na mata ou até mesmo próxima às aldeias representa, dentro dos conhecimentos tradicionais, uma mensagem de que bons acontecimentos podem estar por vir.

“Na cosmovisão indígena, quando o tatu aparece durante uma pescaria ou uma caçada, ele é interpretado como um sinal de que o dia vai render, de que haverá fartura de alimento para a família. Quando ele aparece no quintal de uma casa, também representa uma relação de respeito com a



natureza e a ideia de que algo positivo pode acontecer. O tatu carrega esse entendimento de equilíbrio, de que a natureza sempre traz sinais para quem sabe observar”, conta.

O renascimento dos ipês

No Cerrado, até mesmo a flora carrega histórias

e conhecimentos transmitidos ao longo das gerações. A bióloga Zielma Lopes conta que, entre as tradições populares de MS, a floração dos ipês se tornou um marcador natural do tempo, associada à mudança entre o período de seca e a chegada das chuvas. Para muitos moradores mais antigos,

a sequência das flores amarelas, rosas e brancas representa um sinal de que o clima começa a se transformar.

“A sabedoria popular diz que, quando os ipês terminam a floração, a estiagem está chegando ao fim e a época de chuva se aproxima. Existe uma explicação científica por

trás disso: os ipês perdem as folhas para economizar energia e florescem justamente durante o período mais seco. Quando a floração termina, realmente costuma coincidir com o fim da seca. É uma observação da natureza que os povos mais antigos aprenderam a interpretar ao longo do tempo”, finaliza.

Roberta Martins



O bioma inspira narrativas que atravessam o tempo e se preservam no imaginário popular de MS